

Revista Adventista

Revista Mensal - Ano 74 - Nº 803 - €1,90 **Abril 2014**

A Verdadeira Páscoa

COMO ESPERA DEUS QUE O SEU POVO
CELEBRE A PÁSCOA?



SÉRIE DE ARTIGOS

As mensagens dos três anjos



08



A oferta de um rei para a "Casa do Senhor"

Mais uma confirmação do texto bíblico!

24



O Seu túmulo está vazio

O significado da ressurreição de Jesus.

32

CONFERÊNCIAS PÚBLICAS

3-10 de MAIO de 2014

PARA ALÉM DA IMAGINAÇÃO

Na grandeza do Universo,
na beleza da vida,
na dádiva de um sentido...

... o Amor revela-Se.

ENVOLVA-SE neste projeto!

CONVIDE

a sua família,
os seus amigos
e conhecidos!



IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

editorial



VIDA CRISTÃ

06

Adorar Deus

Um culto familiar interessante é o fator mais importante para ajudar as crianças a crescerem amando Jesus e a Igreja Adventista do Sétimo Dia.



HERANÇA ADVENTISTA

30

Mãos Feridas, Retas Verdades

Através de uma visão, Deus mostrou a Ellen White que o seu marido, James, deveria começar a publicar um pequeno jornal.



ESPAÇO JUVENIL

35

De Quem És Filho?

EDITORIAL

04 Cristo, a Nossa Páscoa

05 Memo

BÍBLIA

08 As Mensagens dos Três Anjos

A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem pretendido ser, desde a sua fundação, o movimento simbolizado pelos três anjos de Apocalipse 14:6-13, que proclama o Evangelho eterno a um mundo moribundo imediatamente antes da Segunda Vinda de Cristo.

ARTIGO DE FUNDO

14 A Verdadeira Páscoa

A Páscoa chega na primavera, despoletando na nossa sociedade sentimentos opostos e paradoxais. Afinal, o que é a Páscoa?

18 Notícias Internacionais

20 Notícias Nacionais

CIÊNCIA E RELIGIÃO

21 A Matemática de Deus – parte X

Com este artigo chegamos ao final desta série de dez artigos sobre a utilização e o significado espiritual dos números na Bíblia.

ARQUEOLOGIA

24 A Oferta de um Rei para a "Casa do Senhor"

O Templo de Salomão foi, sem dúvida, um dos mais augustos e opulentos edifícios do mundo antigo.

REFLEXÃO

27 O Arco-íris

Enquanto eu conduzia a caminho do escritório, um arco-íris matinal desenhou uma meia parábola sobre a Criação num glorioso e garrido arco.

DEVOCIONAL

28 O que o Filho Pródigo Fez Bem!

A parábola do filho pródigo já foi considerada a melhor história curta do mundo.

TEOLOGIA

32 O Seu Túmulo Está Vazio

Se Jesus tivesse morrido, mas não ressuscitado, o Seu martírio para nada teria servido.

Diretor António Rodrigues **Chefe de Redação** Paulo Sérgio Macedo **Coordenador Editorial** Paulo Lima **Colaboradores de Redação** Manuel Ferro e Lara Varandas **Projeto Gráfico e Diagramação** Sara Calado **Fotos Ilustrativas** © Shutterstock **E-mail** revista.adventista@pservir.pt **Proprietária e Editora** Publicadora SerVir, S. A. **Diretor** Carlos Simões Mateus **Sede e Administração** Rua da Serra, nº 1 – Sabugo 2715-398 Almargem do Bispo Tel: 21 962 62 00 Fax: 21 962 62 01 **Controlo de Assinantes** Paulo Santos E-mail assinaturas@pservir.pt Tel: 21 962 62 19 **Impressão e Acabamento** Jorge Fernandes, Lda. – Charneca da Caparica **Tiragem** 1500 exemplares **Depósito Legal** Nº 1834/83

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora SerVir, S. A..

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.



Cristo, a nossa Páscoa

"**A** limpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós" (I Coríntios 5:7).

O apóstolo Paulo declara que Cristo é a nossa Páscoa, o nosso "cordeiro pascal", sacrificado por todos nós. A instituição da Páscoa por Deus tinha como objetivo apontar para Cristo Jesus. Ela estava destinada a ser uma poderosa figura de Cristo. Podemos conhecer mais detalhes sobre a Páscoa em Êxodo 12:1-28. A palavra portuguesa "Páscoa" vem da palavra hebraica "pessach", que tem o sentido de "transpor", de "saltar" ou de "passar por alto". Toda a cerimónia e os seus símbolos – como, por exemplo, o ato de colocar o sangue do cordeiro ou do cabrito nas ombreiras das portas ou o ato de comer pães amargos com ervas amargas – têm um riquíssimo significado. Através da Páscoa, Deus quis falar-nos de uma forma visível e eficaz. Deus deixou assim a mais bela mensagem para a Humanidade: Jesus Cristo é "o cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo" (I João 1:29). Desde muito cedo, Jesus subia anualmente a Jerusalém com os Seus Pais, para participar da Páscoa. Na sua essência, a Páscoa transmite-nos que Jesus Cristo derramou o Seu sangue no Calvário, para que hoje tenhamos a vida eterna. Sim, vida eterna, visto que estávamos condenados à morte eterna. Cristo, a nossa Páscoa, assegurou-nos a total libertação. A morte de Cristo no Calvário libertou-nos do cativeiro do pecado através do

derramamento do Seu sangue. Fomos libertos do cativeiro do pecado que imperava desde o Éden. Jesus declarou: "Portanto, se o Filho vos

libertar, vocês de facto serão livres" (João 8:36). Esta é a nossa grande esperança. Assim como Ele ressuscitou, nós também seremos ressuscitados.

Segundo Mateus 26:17, 26, Jesus celebrou a Sua última Páscoa em Jerusalém, oferecendo a Sua vida, simbolicamente representada pelo pão e pelo vinho. O Seu sangue, que Ele derramaria no Calvário, foi derramado por muitos, para remissão dos pecados. A verdadeira Páscoa de hoje é celebrada no coração de cada Cristão, que oferece a Deus a sua própria vida, limpa e salva pelo sangue do Cordeiro.

Infelizmente, nos nossos dias, o inimigo continua a desviar a atenção da Humanidade do verdadeiro sentido da Páscoa. Os coelhinhos de chocolate substituíram o lugar de Jesus Cristo, devido à ignorância da Humanidade. Mas, hoje, a Humanidade ainda necessita do sangue de Cristo para ser salva do pecado. Assim como na Páscoa judaica os Hebreus deviam estar vestidos como quem estivesse pronto para viajar, assim nós, hoje, devemos estar vestidos com a roupa da fé, pois somos peregrinos nesta Terra, aguardando a bem-aventurada esperança, o aparecimento no céu do nosso Salvador Jesus. Ao comemorarmos a Páscoa, lembremo-nos de que aguardamos novos Céus e nova Terra, onde impera a justiça (Apocalipse 21:1; II Pedro 3:13). ♦

• **Pr. António Rodrigues**, presidente da UPASD

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

abril

06	Formação sobre Saúde R.E. Centro
12	Distribuição do Livro Missionário
12-14	Congresso de Publicações
13	Formação sobre Saúde R.E. Norte
13	Formação para Colportores
14	Formação para Pastores
17-20	Acampamentos Regionais
25-27	Convenção Nacional de Educação
26	Dia da Educação

maio

03 a 10	Campanhas de Evangelização Locais
24	Assembleia Espiritual
26-29	Curso de Iniciação à Colportagem
30- 01/06	Encontro da Amizade

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

abril

07-11	União Norte Alemã (NGU)
14-18	União Romena (RU)
21-25	Associação do Sul de França (FBU)
28/04-02/05	União Checo-Eslovaca (CSU)

maio

05-09	Casa Publicadora Safeliz (EUD)
12-16	Universidade Adventista de França (EUD)
19-23	Associação da Hansa (NGU)
26-30	Seminário Teológico de Sagunto (SpU)

ANTENA 1 RTP2

FÉ DOS HOMENS

RTP2, a partir das 18h
ANTENA 1, a partir das 22h47

- 28/04 (segunda-feira)
- 30/04 (quarta-feira)
- 15/05 (quinta-feira)
- 19/05 (segunda-feira)

CAMINHOS

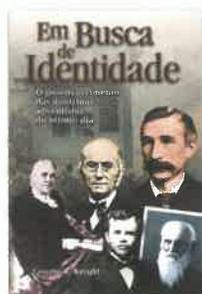
RTP2, às 09h
ANTENA 1, a partir das 06h

- 11/05 (domingo)

EM BUSCA DE IDENTIDADE

de George R. Knight

O presente livro do teólogo e historiador Adventista George Knight procura expor, de uma forma sucinta, o desenvolvimento das doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O autor segue uma estratégia expositiva interessante. Ele dedica o primeiro capítulo a expor a concepção fundamental da Dogmática Adventista, isto é, a crença de que a “Verdade Presente” é algo de dinâmico, que vai progredindo à medida que o estudo intenso da Bíblia realizado pela Igreja vai descobrindo novas facetas da



verdade bíblica. O autor mostra assim que o Adventismo não tem um credo rígido, mas sim uma série de crenças fundamentais suscetíveis de revisão, como indica o próprio preâmbulo da declaração das crenças fundamentais adotadas em 1980. Depois, George Knight escreve um capítulo sobre as raízes teológicas do Adventismo e um outro capítulo sobre os fundamentos teológicos do movimento millerita. Lançadas estas bases, Knight vai esboçar o desenvolvimento doutrinário e teológico da Igreja Adventista, dedicando um capítulo ao florescimento do Adventismo entre 1844 e 1885. Neste capítulo ele aborda temas cruciais, como a origem da compreensão Adventista sobre o Santuário ou a relação entre a doutrina do Sábado e a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14. O autor passa em seguida a expor, num outro capítulo, o desenvolvimento teológico do Adventismo entre 1886 e 1919, descrevendo a discussão em torno da doutrina da justificação pela fé e da crença na Trindade. George Knight dedica depois um capítulo a desenvolver o impacto que a luta teológica entre o Liberalismo e o Fundamentalismo no seio das Igrejas Protestantes teve no Adventismo, de 1919 a 1950. O penúltimo capítulo aborda as questões teológicas que surgiram na nossa Igreja desde 1950 e que se mantêm acesas ainda hoje. Finalmente, Knight discute o significado global do desenvolvimento teológico do Adventismo no capítulo que encerra o seu livro. Esta obra de George Knight, embora conte apenas 220 páginas de formato pequeno, é riquíssima em informação teológica e oferece-nos uma perspetiva dinâmica e atual do desenvolvimento doutrinário do Adventismo, desde a sua origem até ao presente. Por isso, aconselhamos vivamente o Leitor a adquiri-la e lê-la. ✍

Paulo Lima, Redator da Revista Adventista

Adorar Deus

É UMA PRIORIDADE NO SEU LAR?

Um culto familiar interessante é o fator mais importante para ajudar as crianças a crescerem a amar Jesus e a Igreja Adventista. Esta é uma das descobertas mais úteis do estudo *Valuegenesis*, realizado em 1989 com mais de 13 000 jovens Adventistas e com os seus pais, pastores e professores.¹ Quando li um resumo desta investigação, disse à minha mulher: “Se não acertarmos em mais nada como pais, pelo menos nisto temos que acertar. Temos que pedir a Deus para nos ajudar a termos um culto familiar regular e interessante para os nossos filhos.” Nessa altura tínhamos dois meninos, com as idades de 5 e 2 anos, e dois anos mais tarde tivemos também uma menina.

As crianças podem escolher rejeitar o Deus dos seus pais. Mas, dos 41 fatores considerados no estudo *Valuegenesis*, é evidente que o culto familiar é a forma mais eficaz de reduzir esse risco.

Durante as duas últimas décadas, a nossa família descobriu um modelo que funciona connosco; é um modelo que pode ser facilmente adaptado a outras famílias. Eis aqui alguns dos ingredientes-chave:

1. Fale com a sua família para definirem um horário. Comece com um programa de 10 a 15 minutos. Descubra um período de tempo que seja conveniente para cada membro da família e ajuste-o uma vez por ano, se for necessário. Porque eu era Pastor, fazíamos o nosso culto familiar imediatamente antes ou imediatamente depois do jantar, de modo a que eu pudessem utilizar as horas da noite para me encontrar com os grupos de es-

tudo da Bíblia, visitar os meus anciãos e os membros da igreja e planejar programas evangelísticos. Nas noites de sexta-feira alongávamos frequentemente o programa para 60 minutos, de modo a acolhermos plenamente o Sábado.

2. Faça o culto familiar sozinho, no início, se for necessário. Por vezes a família não está preparada para se juntar a si. Nos primeiros anos do nosso casamento, o culto familiar comigo e com a minha mulher era bastante irregular. Um dia perguntei-lhe porque era tão difícil para nós adorarmos juntos, e ela disse: “Porque cada vez que o fazemos parece que estás a tentar pregar para mim.” Depois de ter pensado nisso durante um tempo, tive de admitir que ela tinha razão. De um modo extraordinário Deus resolveu toda esta situação – mas esta é uma outra história!

3. Revezem-se na liderança.

Eu defini um sistema rotativo, de modo a que cada membro da família tivesse uma semana para liderar o culto. Quando um dos nossos filhos fez 3 anos, acrescentámos o seu nome ao calendário rotativo. É espantoso como permitir que as crianças estejam encarregadas do culto familiar o torna muito mais interessante para elas. Os nossos filhos escolhiam as histórias, os hinos e as atividades. Nós só lhes pedíamos que, durante algum tempo dos 30 minutos disponíveis, pudessemos ouvir Deus diretamente, através da leitura da Bíblia, e pudessemos falar diretamente com Deus, através da oração. As atividades escolhiam eram, frequentemente, muito criativas.

A nossa filha Danesa decidiu um dia: “Esta noite vamos fazer um trabalho manual para o culto.” Ela entregou-nos folhas de papel e instruiu-nos para que cada um de nós desenhasse uma imagem da Segunda Vinda de Jesus. À medida que desenhávamos e pintávamos, a nossa Danesa, com 4 anos, dava-nos dicas sobre como melhorar-mos os nossos desenhos.

Um dia, o nosso filho Jacob disse: “Para o culto familiar desta noite vamos jogar à apanhada bíblica.” Eu pensei, *Será isto um verdadeiro culto?* Ele explicou depois: Quando forem apanhados ficam congelados até recitarem um versículo bíblico de cor. E não podem usar um ver-

sículo que já foi dito antes.” Corremos por toda a casa, sendo “congelados” e “descongelados”. Os textos mais fáceis, como “Jesus chorou” foram rapidamente esgotados e tivemos que começar a procurar nos arquivos da nossa memória por versículos bíblicos que tinham há muito ficado “escondidos” no nosso coração.

Quando o Dustin frequentava o Liceu, ele gostava de tocar guitarra, pelo que, nos seus cultos, frequentemente, cantávamos durante 28 minutos e depois líamos um versículo bíblico e orávamos.

4. Tenham variedade. O culto familiar pode incluir hinos, leituras bíblicas, citação de versículos, expressões de gratidão, oração, histórias missionárias, histórias edificantes e assim por diante. Ao longo dos anos temos lido inúmeras histórias, de dúzias de livros comprados nas reuniões campais ou nas livrarias Adventistas.² Temos lido a Bíblia completamente várias vezes e cantámos uma enorme variedade de músicas cristãs. Temos feito listas de gratidão; temos escrito as nossas próprias canções; temos orado pelos familiares, pelos vizinhos, pela comunidade, pelos missionários, pelos Colportores, pelos futuros cônjuges possíveis, pelos pastores, pelos professores, pelos animais de estimação e “pelas bolachas queimadas que o Papá se esqueceu de retirar do forno, porque a Mamã estava em casa da Avó e do Avô”!

5. Convide outros, principalmente os amigos dos seus filhos e respetivas famílias, bem como os seus vizinhos, para se juntarem a vós de vez em quando. Esta intuição maravilhosa é partilhada no livro *The Ministry of Healing* (A Ciência do Bom Viver): “O nosso lar deve ser um refúgio para os jovens que sofrem tentações. Muitos há que se encontram na encruzilhada dos caminhos. Toda a influência e impressão recebida determina a escolha do rumo de seu

destino nesta vida e na por vir. [...] Em redor de nós há jovens sem família, ou cujos lares não exercem sobre eles uma força protetora nem enobrecedora, e eles veem-se arrastados para o mal. [...] Esses jovens necessitam que se lhes estenda a mão da simpatia. Uma boa palavra dita com sinceridade e uma pequena atenção para com eles varrerão as nuvens da tentação que se amontoam sobre a sua alma. [...] Se quiséssemos dar provas de algum interesse pela juventude, convidá-la a nossa casa, e cercá-la aí de influências alentadoras e proveitosas, muitos haveria que, de boa vontade, dirigiriam os seus passos numa escala ascensional.”³

Nada acontece sem desafios

Tivemos bastantes desafios ao longo do caminho. Uma noite, um dos meus filhos estava a portar-se mal. “Não podem obrigar-me a ficar no culto familiar!”, disse ele desafiadoramente. Eu disse-lhe que uma das coisas que se esperava de quem fazia parte da nossa família era a participação no culto familiar. “Estás a empurrar a religião pela minha garganta abaixo!”, retorquiu ele. Eu disse-lhe, então: “Podes sentar-te no quarto ao lado, silenciosamente, se não nos queres ver, mas não estás autorizado a ir para o teu quarto, ler ou jogar jogos enquanto a família está a fazer o culto familiar.” Nessa noite, ele sentou-se no quarto ao lado. Isso parecia-lhe dar-lhe espaço suficiente para afirmar a sua independência, mas também o fez compreender quão grandemente os seus pais valorizavam o culto familiar.

Noutra noite, um dos rapazes orou: “Querido Jesus, ajuda o meu irmão a não ser tão mau para mim.” “Eu não sou mau para ti”, retorquiu o seu irmão. O outro irmão continuou a orar: “E ajuda-o a não me interromper enquanto estou a orar.” É difícil reunirmo-nos para o culto familiar e, ainda assim, mantermo-nos agarrados a um coração endu-

recido. O culto familiar regular teve uma influência incrível sobre cada membro da minha família.

Preparando para o regresso de Jesus

Durante as reuniões evangelísticas, eu partilho com os participantes formas de começarem e de fortalecerem o culto familiar e explico como é que o culto familiar pode ajudar a preparar os membros da família, a família da Igreja e a comunidade para o breve regresso de Jesus. Ao saudar as pessoas depois da apresentação, elas agradecem-me por tê-las ajudado a fortalecer os seus lares. Acredito que esta é uma parte importante da preparação para se integrar o movimento Adventista.⁴ Ellen G. White reconheceu o papel vital que o culto familiar desempenha nos nossos lares. Ela escreveu ainda no livro *The Ministry of Healing* (A Ciência do Bom Viver): “A restauração e o reerguimento da Humanidade começam no lar. A obra dos pais é a base de toda a outra obra. A sociedade compõe-se de famílias, e ela é o que a façam os chefes de família. [...] A felicidade da sociedade, o êxito da Igreja e a prosperidade da nação dependem das influências domésticas.”⁵ Aceitemos este conselho inspirado e consideremos, em oração, a implementação de um período de culto familiar criativo e aprazível a realizar todos os dias nos nossos lares. 🌸

• **Dan Serns**

Pastor da IASD de Richardson, Texas, EUA

1. Peter Benson e Michael J. Donahue, *Valuegenesis Report 1: A Study of the Influence of Family, Church and School on the Faith, Values and Commitment of Adventist Youth*, Search Institute, Minneapolis, 1990. Ver especialmente as pp. 17-19.

2. Ver www.adventistbookcenter.com ou www.cpb.com.br.

3. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, Sacavém, Publicadora Atlântico, 1990, pp. 354 e 355.

4. Ver as crenças fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia, nº 11 (“Crescer em Cristo”) e nº 23 (“Casamento e família”), encontradas em www.adventistas.org.pt/Artigos.asp?ID=5.

5. Ellen G. White, *op. cit.*, p. 349.

As Mensagens dos três

INTRODUÇÃO A APOCALIPSE 14:6-13

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não se considera como apenas mais uma entre muitas denominações cristãs. Desde o início, os Adventistas têm considerado o seu movimento como sendo o cumprimento da palavra profética. De facto, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem pretendido ser, desde a sua fundação, o movimento simbolizado pelos três anjos de Apocalipse 14:6-13, que proclama o Evangelho eterno a um mundo moribundo imediatamente antes da Segunda Vinda de Cristo.

Assumindo como sua a missão dos três anjos de levar a boa-nova “a toda a nação e tribo e língua e povo”, os Adventistas têm-se empenhado num amplo programa missionário, visando a disseminação do Evangelho eterno. Mas, cabe perguntar: Quais são as razões subjacentes à identificação da Igreja Adventista do Sétimo Dia com o símbolo dos três anjos de Apocalipse 14? Em que argumentos exegéticos se baseia esta

identificação? E como deve ser interpretada a perícopo dos três anjos em todo o seu detalhe? Para respondermos a estas perguntas, decidimos publicar uma série de artigos destinados a interpretar a perícopo dos três anjos registada em Apocalipse 14:6-13. Julgamos que a importância desta passagem bíblica justifica plenamente a nossa atenção. O objetivo que temos é o de informar os leitores da *Revista Adventista* sobre o sen-

tido deste texto apocalíptico fundador da nossa identidade como Adventistas do Sétimo Dia. Neste primeiro artigo iremos proceder a uma discussão introdutória da perícopo dos três anjos. Veremos porque razão o símbolo dos três anjos simboliza um movimento eclesial constituído por seres humanos e iremos descobrir também o significado global da perícopo de Apocalipse 14:6-13 no horizonte da estrutura literária do Apocalipse de João.

Os três anjos de Apocalipse 14 como símbolos de um movimento eclesial humano

A perícopo de Apocalipse 14:6-13 é dominada pela imagem de três anjos que voam pelo meio do céu anunciando uma tríplice mensagem ao mundo. A questão que surge imediatamente é a seguinte: Estes anjos são verdadeiros seres

gens s anjos



celestiais ou são o símbolo apocalíptico de um movimento terrestre composto por seres humanos? Para respondermos a esta pergunta devemos começar por ter presente que a palavra grega que João utiliza para designar estas três figuras é “*angelos*”, que significa, literalmente, “mensageiro”. João segue o uso da *Septuaginta*, a antiga tradução grega do Antigo Testamento, pois esta também utiliza a palavra grega “*angelos*” para traduzir o conceito hebraico “*mal’ak*”, que significa, igualmente, “mensageiro”, e que é empregue no Antigo Testamento para denotar um ser celestial. Entretanto, embora seja muito frequente que *mal’ak* e *angelos* sejam usados no Antigo e no Novo Testamentos para denotar seres angélicos, também existem várias passagens bíblicas em que *mal’ak* e *angelos* não se referem a seres sobrenaturais, mas a seres humanos, sejam eles profetas, sacerdotes ou outro tipo de mensageiros. É o caso, por exemplo, de II Samuel 3:14; Ezequiel 23:16; Ageu 1:13; Malaquias 2:7; e Malaquias 3:1, no Antigo Testamento; e de Mateus 11:10; Lucas 7:24; Lucas

9:52; e Tiago 2:25, no Novo Testamento.¹ Portanto, à partida, é semanticamente possível que o símbolo dos três anjos esteja a fazer referência, não a seres sobrenaturais, mas a um movimento composto por mensageiros humanos.

Mesmo no Apocalipse, o uso do termo “*angelos*” nem sempre denota um ser celestial. No livro de João, o termo “*angelos*” ocorre 77 vezes. A grande maioria dos usos deste termo denota seres celestiais (e. g., Apocalipse 5:2; 7:1; 8:2; 11:1), mas no segundo e no terceiro capítulos de Apocalipse o termo “*angelos*” é usado – conjuntamente com o símbolo do “castiçal” – para designar simbolicamente uma Igreja, isto é, um movimento eclesial constituído por seres humanos.² De facto, o texto grego das cartas às sete igrejas (Apocalipse 2 e 3) apresenta algumas características que nos permitem concluir que cada um dos sete anjos mencionados é o símbolo apocalíptico ou, melhor, a contraparte mística de cada uma das sete igrejas da Ásia. Primeiro, embora cada uma das sete cartas se dirija diretamente ao “anjo” de cada igreja

como uma entidade individual, por vezes João emprega a *segunda pessoa do plural* para se dirigir ao “anjo” quando tem em mente um determinado grupo no interior da igreja (e. g., Apocalipse 2:10; 2:13; 2:14). Isto mostra que o símbolo do “anjo” tem, em Apocalipse 2 e 3, um sentido coletivo, identificando-se com a “igreja”. Segundo, João dirige-se ao “anjo” de cada igreja como se ele fosse a própria igreja, isto é, cada “anjo” funciona como um *alter-ego* da respetiva igreja. Assim, o “anjo” pode ser elogiado pelo comportamento louvável da igreja (e. g., Apocalipse 2:2 e 3, 6) e censurado pelo seu comportamento incorreto (e. g., Apocalipse 2:4 e 5). Isto também mostra que este “anjo” não é verdadeiramente um ser celestial, pois seria estranho que um santo anjo de Deus pudesse ser censurado por ter um comportamento incorreto. Terceiro, embora a ordem dada a João para escrever o Apocalipse especifique que ele deve enviá-lo diretamente “às sete igrejas” (Apocalipse 1:11), sem qualquer menção de anjos, e embora a mensagem de cada carta seja claramente endereçada pelo

Espírito “às igrejas” (Apocalipse 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22), o destinatário de cada carta é um “anjo” (Apocalipse 2:1, 7, 12, 18; 3:1, 7, 14), o que sugere a existência de uma equivalência entre as “igrejas” e os respectivos “anjos”. Quarto, não há qualquer indicação de que estes “anjos” estejam localizados no Céu. Quinto, o fenómeno de um escritor se dirigir a um grupo como se ele fosse um indivíduo, usando pronomes e formas verbais na segunda pessoa do singular, é um fenómeno literário comum no mundo antigo e na Bíblia. Veja-se, por exemplo, a profecia endereçada à filha de Sião, em Sofonias 3:14-20, e a profecia sobre Tiro, em Ezequiel 27.³ Assim, estas características da perícopes das sete igrejas indicam que cada um dos sete “anjos” é a contraparte mística e a representação simbólica da respetiva igreja mencionada. Há uma identidade simbólica entre os anjos e as igrejas mencionadas por João, pois a mensagem dirigida a cada anjo é, na verdade, dirigida à respetiva igreja.⁴ Este uso do símbolo dos “anjos” em Apocalipse 2 e 3 torna possível interpretar também os três anjos de Apocalipse 14 como sendo o tríptico símbolo de uma Igreja constituída por seres humanos.

Há uma segunda razão que sustenta a tese Adventista de que os três anjos de Apocalipse 14 são o símbolo de um movimento eclesial constituído por seres humanos. Apocalipse 14:6 afirma que o primeiro anjo tem a missão de proclamar o “evangelho eterno” a todos os que “habitam sobre a terra”. Ora, o Novo Testamento é muito claro quando coloca a responsabilidade de evangelizar o mundo sobre os ombros dos primeiros discípulos de Jesus e, naturalmente, sobre os ombros dos seus sucessores. De facto, em Mateus 28:19 e 20, Jesus ordena aos Seus discí-

pulos que partam em missão para “ensinar todas as nações” e indica claramente que esta tarefa deverá prosseguir “até à consumação dos séculos”. Em Marcos 16:15, Jesus também ordena aos membros da Sua Igreja nascente que vão “por todo o mundo” para pregar “o evangelho a toda a criatura”. E, em Atos 1:8, o Cristo ressuscitado confere aos Seus discípulos a missão de serem Suas “testemunhas”, levando o Evangelho “até aos confins da terra”. Portanto, é bastante claro que Jesus confiou à Igreja Cristã nascente a tarefa de levar o Evangelho ao mundo. Assim sendo, o “anjo” que é representado levando o “evangelho eterno” a todos os que “habitam sobre a terra” deve ser um símbolo apocalíptico da verdadeira Igreja de Deus que tem a tarefa de proclamar o Evangelho a todo o mundo. O primeiro “anjo” deve ser o símbolo de um movimento eclesial constituído por seres humanos. Ora, se esta conclusão se aplica ao primeiro “anjo”, então aplica-se também aos dois “anjos” que o seguem e que estão intimamente associados com ele.

Esta conclusão sobre a identificação dos três anjos com a Igreja é reforçada pelo facto de a perícopes dos três anjos culminar na seguinte afirmação: “Aqui está a paciência dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apocalipse 14:12). Esta afirmação é um comentário final às três mensagens angélicas e estabelece uma relação entre o símbolo dos três anjos e os “santos”, isto é, os membros da Igreja de Cristo. De facto, a palavra grega “*hōde*”, um advérbio de lugar que significa “aqui”,⁵ está a estabelecer uma ligação de identificação entre o movimento dos três “anjos” e os “santos” que “guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”.

Dado que estes constituem a Igreja de Cristo, torna-se evidente que os “anjos” simbolizam, de algum modo, um movimento eclesial.⁶

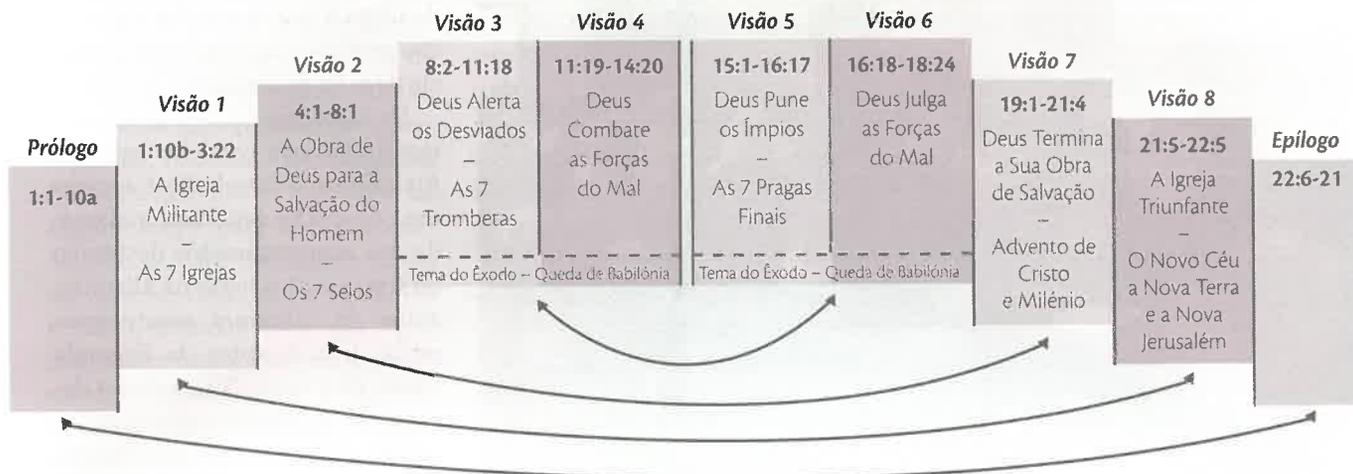
Se aceitarmos a tese de que os três anjos são o símbolo de um movimento eclesial humano que anuncia ao mundo o “evangelho eterno”, devemos perguntar-nos: Em que época da história da Salvação existe este movimento eclesial representado pelos três anjos? Para encontrarmos a resposta a esta questão, devemos estudar a situação da perícopes dos três anjos na estrutura global do Apocalipse. Mas, para que isto seja possível, temos primeiro de ter uma noção de como está estruturado o livro de João.

A estrutura do Apocalipse

Os exegetas não estão de acordo sobre a organização e a estrutura literária do Apocalipse. Várias propostas de descrição da estrutura da obra de João foram apresentadas ao longo dos anos, mas nenhuma foi capaz de suscitar um consenso. No entanto, parece-nos que a proposta apresentada pelo exegeta Adventista Kenneth A. Strand conseguiu identificar as principais articulações do Apocalipse a partir de um exame atento do seu texto. Os méritos da proposta de Strand não podem ser apreciados senão por um exame cuidadoso da dita proposta. Assim, vamos aqui apresentar sucintamente a estrutura do Apocalipse segundo Kenneth A. Strand.⁷

A partir de uma análise literária minuciosa do texto do Apocalipse, Strand estabeleceu um esquema que coloca em evidência as articulações da estrutura da obra de João. Este esquema estrutural mostra que o Apocalipse, exceção feita do seu Prólogo e do seu Epílogo, está articulado em oito visões globais. Estas oito visões repartem-se em

A ESTRUTURA QUIÁSTICA DO APOCALIPSE SEGUNDO *Kenneth A. Strand*



dois grupos e cada grupo constitui uma das duas partes da obra: a primeira parte é essencialmente histórica e a segunda parte é essencialmente escatológica. A linha de separação entre a parte histórica e a parte escatológica situa-se entre os capítulos 14 e 15.⁸ Efetivamente, as quatro visões dos primeiros catorze capítulos tratam de eventos históricos: a Igreja ainda defeituosa e necessitando de admoestação (Apoc. 2 e 3), o clamor de impaciência dos mártires que pedem o julgamento dos seus perseguidores (Apoc. 6:10 e 11), as advertências das trombetas aos perdidos (Apoc. 8 e 9) e a ofensiva dos poderes do Mal contra Jesus e contra os Seus fiéis durante um tempo bem determinado (Apoc. 12 e 13). As quatro visões que têm como ponto de partida o capítulo 15 tratam dos acontecimentos da consumação escatológica: a Igreja recompensada (Apoc. 21 e 22), as aclamações de alegria causadas pelo julgamento realizado por Deus sobre os perseguidores dos mártires (Apoc. 16:6; 18:20; 19:2), os castigos que caem sob a forma de pragas sobre os adoradores da besta (Apoc. 16) e o julgamento global das forças dos Mal realizado por Deus (Apoc. 17-19).⁹ No

entanto, nas visões II, III e IV, que constituem a parte histórica, cada sequência culmina com uma seção que descreve o tempo do julgamento escatológico; e nas visões V, VI e VII, que constituem a parte escatológica, existem dois gêneros de materiais que pertencem ao tempo histórico: explicações (comunicadas a partir da perspectiva de João na história) e exortações ou apelos (que têm sentido para os leitores somente antes do julgamento escatológico). Por exemplo, nas três visões históricas, as cenas do sétimo selo (visão II), da sétima trombeta (visão III) e da colheita da Terra (visão IV) descrevem o cumprimento *escatológico* da História. Por outro lado, nas visões escatológicas, o apelo de Cristo para que sejamos vigilantes (Apoc. 16:15), o apelo dirigido aos fiéis para que saiam de Babilônia (Apoc. 18:4), bem como as explicações sobre as sete cabeças da besta em Apocalipse 17:9-11 são todas realizadas a partir da perspectiva do momento *histórico* dos leitores e ouvintes do livro de João.

As oito visões que compõem o Apocalipse (às quais devemos adicionar o Prólogo, constituído por Apoc. 1:1-10a, e o Epílogo, constituído por Apoc. 22:6-21) são es-

truturadas de modo similar.¹⁰ Na parte histórica do Apocalipse nós encontramos quatro visões que, excetuando a primeira, têm a mesma estruturação. A visão I (Apoc. 1:10b-3:22) apresenta a Igreja militante e divide-se somente em duas partes: (A) uma cena de introdução vitoriosa situada no contexto do Templo (Apoc. 1:10b-20) e (B) uma descrição profética da História (Apoc. 2 e 3). Em seguida, a visão II (Apoc. 4:1-8:1), em que se descreve a obra de Deus para salvação do Homem, a visão III (Apoc. 8:2-11:18), em que Deus alerta os desviados, e a visão IV (Apoc. 11:19-14:20), em que Deus combate contra as forças do Mal, dividem-se em quatro partes: (A) uma cena de introdução vitoriosa situada no contexto do Templo (Apoc. 4 e 5 // 8:2-6 // 11:19), (B) uma descrição profética da História (Apoc. 6 // 8:7-9 // 12 e 13), (C) um interlúdio focalizado sobre os eventos finais (Apoc. 7 // 10:1-11:13 // 14:1-13) e (D) o apogeu escatológico como clímax da História (Apoc. 8:1 // 11:14-18 // 14:14-20). Na parte escatológica do Apocalipse encontramos também quatro visões que, excetuando a primeira, estão estruturadas do mesmo modo. A visão



VIII (Apoc. 21:5-22:5) apresenta a Igreja triunfante e está também articulada somente em duas partes: (A) uma cena de introdução vitoriosa situada no contexto do Templo (Apoc. 21:5-11a) e (B) uma descrição profética do juízo final (Apoc. 21:11b-22:5). Depois, a visão V (Apoc. 15:1-16:17), em que Deus pune os ímpios, a visão VI (Apoc. 16:17-18:24), em que Deus julga as forças do Mal, e a visão VII (Apoc. 19:1-21:4), em que Deus termina a Sua obra de Salvação, dividem-se também em quatro partes: (A) uma cena de introdução vitoriosa situada no contexto do Templo (Apoc. 15:1-16:1 // 16:17-17:3a // 19:1-10), (B) uma descrição profética do juízo final (Apoc. 16:2-14 // 17:3b-18:3 // 19:11-20:5), (C) um interlúdio sob a forma de exortação ou apelo (Apoc. 16:15 // 18:4-8, 20 // 20:6) e (D) o ponto culminante escatológico atingido no juízo final (Apoc. 16:17 // 18:8-19, 21-24 // 20:7-21:4). Ex-

posta de modo sucinto, esta é a macroestrutura do Apocalipse.

Uma vez definida a estrutura do livro de João, estamos em condições de estudar a situação da perícopes dos três anjos na estrutura global do Apocalipse, de modo a determinar o seu significado estrutural e a perceber em que época da história da Salvação existe este movimento eclesial simbolizado pelos três anjos.

O significado estrutural da perícopes dos três anjos

A perícopes dos três anjos (Apoc. 14:6-13) faz parte da visão IV (Apoc. 11:19-14:20) e situa-se na primeira divisão do Apocalipse, a divisão que reúne as visões sobre a descrição profética da História. No interior da visão IV, o texto de Apocalipse 14:6-13 faz parte do respetivo bloco C, isto é, faz parte do Interlúdio sobre os eventos finais, que é integrado por todo o capítulo 14 de Apocalipse. A fun-

ção deste bloco de texto C é a de enfatizar e ampliar a mensagem do bloco B, isto é, ampliar a descrição profética da História e a eficácia da ação de Deus nela.

De facto, nas visões II, III e IV, que integram a parte histórica do Apocalipse, o interlúdio é sempre uma descrição detalhada e alargada dos acontecimentos do tempo do fim que têm lugar na História, antes do culminar escatológico desta, isto é, antes da Segunda Vinda de Cristo. O interlúdio desenvolve e acentua significativamente certos factos importantes relacionados com a parte final da descrição profética da História. Assim, a posição dos interlúdios no padrão estrutural das respetivas visões indica que os eventos neles descritos dizem respeito ao tempo do fim. Note-se que cada interlúdio tem uma estrutura bipartida. Na visão IV, que versa sobre o grande conflito entre o dragão e as duas bestas, por um lado, e Cristo e o Seu povo, por outro, o interlúdio divide-se claramente em duas partes. Primeiro, há uma descrição dos 144 000 com o Cordeiro no Monte Sião (Apoc. 14:1-5). Depois, descreve-se a proclamação dos três anjos que voam pelo céu e são descritos os seguidores leais de Deus que recebem a mensagem angélica (Apoc. 14:6-13).¹¹

A perícopes dos três anjos apresenta-se precisamente como esta segunda parte do interlúdio bipartido constituído pelo texto de Apocalipse 14. Portanto, ela descreve eventos históricos que se desenvolvem no período do tempo do fim, isto é, no período final da história da Humanidade, antes da Segunda Vinda de Cristo. Esta constatação resultante da posição estrutural da perícopes dos três anjos é reforçada pela análise do seu conteúdo simbólico. De facto, o texto de Apocalipse 14:6-13 apresenta elementos

simbólicos que indicam que o movimento de mensageiros humanos simbolizado pelos três anjos desenvolve a sua ação na parte final da história do nosso mundo. Assim, o primeiro anjo empreende a proclamação mundial do Evangelho eterno, o que mostra que ainda há algum tempo para a Humanidade receber essa mensagem antes do regresso de Cristo à Terra. No entanto, devemos notar que o primeiro anjo está a cumprir a profecia de Cristo de que o Evangelho seria anunciado em todo o mundo e então viria o fim da História (Mateus 24:14), o que mostra que ele desenvolve a sua ação no tempo do fim. Note-se que o primeiro anjo também anuncia que é chegada a hora do juízo final para a Humanidade. Isto indica claramente que ele simboliza um movimento humano que existe no tempo do fim, o tempo do juízo. O segundo anjo anuncia a queda de Babilónia. Ora, nós sabemos que esse evento histórico ocorrerá apenas no tempo do fim (cf. Apoc. 16:19). O terceiro anjo lança um aviso solene contra receber-se a marca da besta. Nós sabemos que a imposição da marca da besta é igualmente um processo que ocorrerá apenas no tempo do fim (cf. Apoc. 13:16-17). O terceiro anjo ameaça ainda os adoradores da besta com o castigo do lago de fogo e enxofre, mas este castigo só ocorrerá depois da Segunda Vinda de Cristo (cf. Apoc. 19:20; 20:9 e 10, 14 e 15). Portanto, a mensagem do terceiro anjo é proclamada no tempo histórico que antecede a Segunda Vinda de Cristo, isto é, no tempo do fim. Finalmente, a passagem bíblica sobre os três anjos culmina com a declaração de serem bem-aventurados os que, desde agora, morrem no Senhor. Esta declaração mostra que a proclamação das mensagens dos três anjos ocorre num momento especial da

história da Humanidade, o tempo do fim. Ela mostra igualmente que a proclamação das mensagens dos três anjos deve ter como fruto uma messe de almas, o que só será possível se essas mensagens estiverem a ser anunciadas num determinado lapso de tempo histórico que antecede o regresso de Cristo.

Assim, podemos concluir que o movimento eclesial humano que é representado pelos três anjos de Apocalipse 14 existe no período histórico do *tempo do fim*, isto é, num período de tempo especial que antecede a Segunda Vinda de Jesus Cristo. Não é por acaso que a perícopos dos três anjos é imediatamente seguida pela passagem de Apocalipse 14:14-20. De facto, esta passagem simboliza a colheita dos justos e a vindima dos ímpios, realizadas por Jesus no Seu regresso à Terra. Portanto, é evidente que as mensagens dos três anjos devem anteceder a Segunda Vinda de Cristo.

Conclusão

A conclusão final que podemos retirar da análise semântica do termo "*angelos*" e da análise estrutural da perícopos dos três anjos que realizámos neste artigo deixa-se enunciar de forma muito simples: o tríplice símbolo dos três anjos representa um movimento eclesial humano – ou seja, uma Igreja – que surge e se desenvolve na parte final da história da Humanidade, isto é, no tempo do fim, o tempo que antecede a Segunda Vinda de Jesus Cristo. Podemos também concluir que esta Igreja deverá persistir e desenvolver a sua missão evangelizadora até que Cristo volte à Terra.

Nos próximos artigos iremos desenvolver a análise exegética da perícopos dos três anjos, o que nos permitirá não apenas compreender o sentido referencial dos seus símbolos, como nos possibilita-

rá também identificar historicamente o movimento eclesial que é representado pelos três anjos de Apocalipse 14. †

• Paulo Lima

Redator da Revista Adventista

1. Ver "Angel" in Siegfried H. Horn (ed.), *Seventh-day Adventist Bible Dictionary*, rev. ed., Hagerstown, MD: Review and Herald, 1979, p. 47 e "Anjo", in J. D. Douglas (ed.), *O novo dicionário bíblico*, ed. rev., São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 54.
2. Para uma discussão sistemática do significado da palavra "angelos" em Apocalipse 2 e 3, veja-se David E. Aune, *Revelation 1-5* (Word Biblical Commentary 52A), Nashville: Thomas Nelson, 1997, pp. 108-112, e Grant R. Osborne, *Revelation* (Baker Exegetical Commentary on the New Testament), Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2002, pp. 98 e 99.
3. David E. Aune, *Revelation 1-5*, p. 109.
4. Grant R. Osborne, *Revelation*, pp. 99, 111, e Paolo Benini, "Tre messaggi per oggi", in Rolando Rizzo (ed.), *Dal flauto dolce ai timpani – Cose chiare di Daniele e dell'Apocalisse*, Impruneta, FI: Istituto Adventista di Evangelizzazione, 1994, p. 308, nota 38.
5. "Ὁδὴ" Isidro Pereira, *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, 3ª ed., Porto: Livraria Apostolada da Imprensa, 1961, p. 639.
6. Paolo Benini, "Tre messaggi per oggi", in Rolando Rizzo (ed.), *Dal flauto dolce ai timpani*, p. 308, nota 38.
7. Kenneth A. Strand propôs a sua descrição da estrutura do Apocalipse nos textos seguintes: Kenneth A. Strand, *Interpreting the Book of Revelation – Hermeneutical Guidelines With Brief Introduction to Literary Analysis*, 2nd ed., Naples, FL: Ann Arbor, 1979, pp. 43-52; Kenneth A. Strand, *Perspectives in the Book of Revelation – Essays on Apocalyptic Interpretation*, Worthington, OH: Ann Arbor, 1978, pp. 46-48; Kenneth A. Strand, "Chiastic Structure and Some Motifs in the Book of Revelation", *Andrews University Seminary Studies*, 16(2), 1978, pp. 401-408; Kenneth A. Strand, "The Eight Basic Visions", in Frank B. Holbrook (ed.), *Symposium on Revelation – Book 1 – Introductory and Exegetical Studies* (Daniel and Revelation Committee Series, vol. 6), Silver Spring, MD: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-Day Adventists, 2000 (1st ed., 1992), pp. 35-50 = Kenneth A. Strand, "The Eight Basic Visions in the Book of Revelation", *Andrews University Seminary Studies*, 25(1), 1987, pp. 107-121; Kenneth A. Strand, "'Victorious-Introduction' Scenes", in Frank B. Holbrook (ed.), *Symposium on Revelation – Book 1 – Introductory and Exegetical Studies* (Daniel and Revelation Committee Series, vol. 6), Silver Spring, MD: Biblical Research Institute of the General Conference of Seventh-Day Adventists, 2000 (1st ed., 1992), pp. 51-72 = Kenneth A. Strand, "The 'Victorious-Introduction' Scenes in the Visions in the Book of Revelation", *Andrews University Seminary Studies*, 25, 1987, pp. 267-288; Kenneth A. Strand, "The 'Spotlight-on-Last-Events' Sections in the Book of Revelation", *Andrews University Seminary Studies*, 27(3), 1989, pp. 201-221.
8. Hans K. Larondelle, *Light for the Last Days – Jesus' End-Time Prophecies Made Plain in the Book of Revelation*, Nampa, ID: Pacific Press, 1999, pp. 54 e 55, divide da mesma forma a estrutura do Apocalipse em duas partes (histórica e escatológica) na junção dos capítulos 14 e 15.
9. Kenneth A. Strand, "The Eight Basic Visions", pp. 35-37; Kenneth A. Strand, "Chiastic Structure and Some Motifs in the Book of Revelation", pp. 407 e 408.
10. Kenneth A. Strand, "The Eight Basic Visions", pp. 38 e 39, 46 e 47.
11. Kenneth A. Strand, "The 'Spotlight-on-Last-Events' Sections in the Book of Revelation", pp. 202, 204, 217.

A verdadeira Páscoa

COMO ESPERA DEUS QUE O SEU POVO CELEBRE A PÁSCOA?

A Páscoa chega na primavera, despoletando na nossa sociedade sentimentos opostos e paradoxais: A euforia do comércio, abastecido com todo o tipo de ovos e coelhos de chocolate, relaciona-se antiteticamente com uma sombria tristeza que a lembrança do sofrimento de Cristo impõe a alguns; a abstinência da sexta-feira da Paixão opõe-se aos festejos do domingo de Páscoa; a degradante queima do Judas contrasta com o sentimento de fraternidade que envolve as pessoas nesta época do ano.

Estas antíteses são ainda maiores quando pensamos nos símbolos que integram o universo pascal na Cristandade de hoje: o ovo e o coelho (muito enfatizados) opõem-se à Cruz e ao cordeiro (minimamente recordados). Ao pensarmos nestes paradoxos pascais, surgem algumas perguntas: Afinal, o que é a Páscoa? Qual a origem da atual ênfase em símbolos como o do coelho ou do ovo? Porque foi instituída a verdadeira Páscoa e qual é o significado dela para hoje e para o futuro?

A Páscoa paga

A configuração da Páscoa que predomina atualmente na cristandade desvia-se muito do que a Bí-

blia prescreveu sobre essa festividade. A Páscoa bíblica foi instituída para celebrar a libertação do povo israelita do cativo egípcio. Ela teve o seu início a partir da morte dos primogênitos residentes no Egito, em cuja casa não houvesse, nos umbrais da porta, o sangue do cordeiro pascal. O foco central desta festa está na morte do cordeiro, de quem vem o sangue que livra da morte e, portanto, que liberta da escravidão. Assim, a tipologia permite-nos ver na morte de Jesus (e não na Sua ressurreição) o cerne da Páscoa bíblica (I Coríntios 5:7).

Quando Deus estabeleceu esta festa, Ele quis deixar claro o ensino de que a libertação dos Israelitas do

cativo egípcio representa a libertação maior de todo aquele que crê no sacrifício substitutivo de Cristo. Por causa do pecado, todos os seres humanos estão condenados à destruição, mas em virtude do sangue que Jesus, o Cordeiro de Deus, derramou no Calvário, serão salvos todos os que aceitarem para si este sacrifício.

Não é insignificante o facto de o foco da Páscoa ter sido deslocado para a ressurreição de Cristo. É verdade que o facto de Jesus ter ressuscitado consolida a Sua vitória sobre o pecado. Mas a Bíblia tem outros símbolos para a ressurreição, como o batismo por imersão, por exemplo (Romanos 6:4; Colossenses 2:12), e nunca relaciona o sentido da Páscoa com a ressurreição do Senhor. Na verdade, esta troca é um erro subtil e grave que foi introduzido no Cristianismo com o propósito de acomodar a religião de Cristo ao paganismo.

Muitas culturas antigas celebravam uma espécie de Páscoa, que estava sempre relacionada com ofertas aos deuses pagãos, de modo a tornar a terra fértil para o cultivo agrícola. Por exemplo, o termo “Páscoa” em inglês é *Easter* e em alemão é *Ostern*. Ambos os termos derivam da expressão anglo-saxónica *Eostre*, que era o nome de uma deusa nórdica da primavera.¹ *Eostre* (equivalente a *Astaroth*, deusa cananeia, e a *Ceres*, deusa romana) era a divindade anglo-saxónica e teutónica supostamente responsável pelo ressurgimento da vida vegetal na primavera, após os rigores do inverno. O apogeu das festividades em honra desta deusa ocorria em março, no início da primavera, período em que muitas culturas antigas celebram a festa dos deuses da fertilidade primaveril. De acordo com os mitos nórdi-

cos, o coelho, por ser considerado muito fértil, era o animal preferido de *Eostre*. Os ovos eram os principais objetos usados para adorar a deusa, por serem vistos como símbolo da vida, do nascimento e da ressurreição. Para adorar *Eostre* e para propiciar as suas bênçãos também eram oferecidos sacrifícios vegetais, animais e humanos.² Posteriormente, em louvor a *Eostre*, foi instituído o *sabbat* pagão, no primeiro dia da primavera, para se celebrar o renascimento da Natureza, chamado *Ostara*. O Cristianismo apóstata reinterpretou este dia, transferindo o seu significado para o domingo de Páscoa.

Ao contrário da Páscoa bíblica, a Páscoa “cristã”, como se celebra hoje em dia, não tem um dia fixo no calendário. Ela pode ocorrer entre os dias 22 de março e 25 de abril, pois, de acordo com a tradição, deve ser comemorada no primeiro domingo após a Lua cheia do início da primavera.³ Esta calendarização foi estabelecida no Concílio de Niceia, no ano 325, por forte influência do imperador romano Constantino, que pretendia assim diferenciar os Cristãos dos Judeus. No fundo, o objetivo do imperador era associar cada vez mais o Cristianismo ao paganismo, como no caso da transferência do dia de guarda semanal.⁴ Entretanto, a cristandade só pas-

sou a comemorar unanimemente a Páscoa, segundo a resolução de Niceia, depois do decreto do papa Gregório XIII, em 1582.⁵

O que dissemos até aqui permite perceber a áurea pagã que permeia a Páscoa “cristã” na atualidade. A cristandade reinterpretou a Páscoa, inserindo símbolos pagãos, alterando a sua data e deslocando o significado vicário que estava na base do propósito de Deus ao estabelecer essa festa. Este propósito era o de representar didaticamente o sacrifício substitutivo de Cristo,



simbolizado no cordeiro que morreria com o propósito de que o seu sangue assinalasse a salvação do crente que se apega com fé à dádiva gratuita de Deus.

A Páscoa bíblica

A Páscoa bíblica foi estabelecida como marco para se comemorar a libertação do cativo egípcio. A prescrição divina estabeleceu que, na noite em que Deus desferiria o derradeiro golpe sobre o Egito, matando os primogênitos, quem

estivesse ao abrigo do sangue do cordeiro colocado nos umbrais da porta seria poupado, pois o anjo destruidor *passaria* por aquela casa sem causar destruição. Naquela noite, todas as casas que não tinham o sangue nos umbrais da porta receberam a terrível visita do anjo destruidor. Mas as casas dos Hebreus foram poupadas, pois nelas havia o sinal de que o anjo deveria passá-las por alto. Assim, é do verbo hebreu que significa “passar sobre” que deriva a origem

etimológica do termo *Páscoa* (em hebreu, *Pessach*).

A Páscoa é uma bela representação da Salvação. Como escreve Ángel Manuel Rodríguez: “Enquanto no Egito todos os primogênitos morreram, entre os Hebreus uma vítima sacrificial morreu.”⁶ Isto ensina-nos que a Salvação se encontra nos méritos substitutivos do sangue do Cordeiro. A Páscoa estava associada à décima praga e foi a causa que levou o faraó a permitir a saída do povo de Israel do Egito. Nesse sentido, a Páscoa simboliza a nossa libertação do cativo do pecado.

É interessante observar que esta festa foi instituída para representar a salvação de todo o povo de Israel, que sairia do Egito em consequência dos acontecimentos decorrentes daquela noite de visita divina. Mas isso só seria possível se o processo fosse realizado particularmente, no âmbito das famílias. Ou seja, para que todos fossem salvos e para que cada primogênito fosse poupado, cada família do povo deveria sacrificar um cordeiro. Não se tratava de um sacrifício generalizado, mas, sim, de um sacrifício personalizado, familiar. Cada família deveria sentir a necessidade de buscar o Senhor. “Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, cada um tomará para si um cordeiro, segundo a casa dos pais, *um cordeiro para cada família*” (Êxodo 12:3, *italico acrescentado*).

A Páscoa bíblica ensina que, embora a Salvação de Deus pretenda alcançar todos, ela deve ser vivida individualmente e a família é o núcleo central a partir do qual o Senhor deseja projetar a Sua bênção sobre toda a Humanidade. Aquele cordeiro morto era um tipo de Jesus, “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Entretanto, apenas aqueles que



n'Ele crerem terão a vida eterna (João 3:16), a exemplo dos Hebreus, que só foram libertados do Egito porque creram na Palavra de Deus, sacrificaram o cordeiro e marcaram as suas portas.

Sempre foi desejo de Deus que cada família fosse um centro de salvação. Somente a partir de um reavivamento genuíno das famílias do povo de Deus é que as pessoas, individualmente, poderão ser efetivamente alcançadas. Por isso, torna-se evidente o motivo de Satanás trabalhar arduamente para destruir as famílias na atualidade. A vontade de Deus é proteger os lares da destruição causada pelo pecado que predomina no mundo de hoje. Cada pai, mãe, filho ou filha podem vencer, se tiverem a marca do sangue de Jesus.

Seguindo o rito realizado no dia da libertação do cativo, todos os Israelitas, ao festejarem a Páscoa, deveriam separar um cordeiro no décimo dia do primeiro mês do ano judaico (Nisã) e sacrificá-lo no décimo quarto dia à tarde (Êxodo 12:1-6). Os Evangelhos demonstram que Jesus cumpriu cabalmente todas as especificações tipológicas da Páscoa e, por isso, pôs fim à necessidade de a comemorarmos. Em memória do Seu sacrifício, o Senhor estabeleceu a Santa Ceia, que deve ser celebrada até que Ele volte (I Coríntios 11:26). “Ao comer a Páscoa com os Seus discípulos, instituiu em seu lugar o serviço que havia de comemorar o Seu grande sacrifício. A festa nacional dos Judeus devia cessar para sempre. O serviço que Cristo estabeleceu devia ser observado pelos Seus seguidores em todas as terras ao longo de todos os séculos.”⁷

Para o Cristão, a Páscoa é Cristo. Sempre que alguém aceitar o sacrifício vicário do Salvador encontrará o verdadeiro sentido da Páscoa. E a cerimônia que Jesus instituiu para

celebrar isto foi a Santa Ceia. Embora seja muito solene, esta ocasião é também uma ocasião festiva, pois o seu propósito é reavivar na memória do Cristão a certeza da Salvação. Ninguém deve excluir-se, nem deve ser impedido de participar.⁸ A Santa Ceia é o símbolo do perdão e da reconciliação.

Mesmo que a Páscoa tenha sido substituída pela Ceia do Senhor e ainda que esteja corrompida pelas influências do paganismo, a sua comemoração na atualidade é uma importante oportunidade de evangelização, pois as pessoas são levadas a pensar em Jesus nessa data. Assim, a Igreja deve aproveitar para ensinar o verdadeiro sentido desta festa e o seu cumprimento pleno em Cristo. O olhar das pessoas deve ser orientado para a Páscoa definitiva que ocorrerá na Segunda Vinda de Jesus, quando Deus libertar completamente os Seus filhos do cativo do pecado.

A Páscoa escatológica

O evangelista João serviu-se do verdadeiro ícone pascal, o cordeiro, para falar da Salvação eterna. O Apocalipse esboça um cenário em que o mundo vive os seus dias finais. O povo de Deus é perseguido, as pragas caem sobre os ímpios e o mundo natural é destruído. O quadro é tão caótico que, em Apocalipse 6:17, surge a pergunta: “Quem poderá subsistir?” A impressão com que ficamos é que todos estão condenados e ninguém conseguirá escapar da destruição. No entanto, surge em cena um grupo especial, que passa incólume pelos terríveis eventos finais da história do mundo. Essas pessoas estarão seladas (Apocalipse 7:3), não receberão o sinal da besta (Apocalipse 13:16) e marcarão os “umbrais” do seu coração com a obediência ao Cordeiro (Apocalipse 7:14; 14:4).

Tal como na Páscoa original, o sangue do Cordeiro é a grande causa da vitória deste povo, a despeito da feroz perseguição que sofrerá. Estas pessoas são vividamente descritas como “os que vêm da grande tribulação, lavaram as suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro” (Apocalipse 7:14; itálico acrescentado). O sangue de Jesus livrará estes fiéis da destruição, mantê-los-á firmes na tribulação e introduzi-los-á na Canaã celestial.

A Páscoa original marcou a saída do povo de Israel do Egito e o início da sua trajetória de quarenta anos pelo deserto até à Canaã terrestre. A Páscoa antitípica – a morte de Jesus na cruz – marca o início da caminhada dos Cristãos para a Canaã celestial. Na Páscoa original, a orientação foi: “Destamaneira o comereis: lombos cingidos, sandálias nos pés e cajado na mão; comê-lo-eis à pressa; é a Páscoa do Senhor” (Êxodo 12:11). O mesmo vale para a Páscoa definitiva. Devemos sentir urgência em seguir para Canaã e nos apropriarmos, com avidez, da “carne” e do “sangue” do Cordeiro, que alimentam a nossa vida espiritual, dando-nos força para prosseguir na jornada. A propósito, esta situação evoca a antiga e poética pergunta: “Ainda é longe Canaã?” Sinceramente, não. Canaã está às portas! ♣

• Vinicius Mendes

Editor-associado da CPB

1. Para mais informações ver o artigo sobre a Páscoa de George W. Reid, disponível em www.adventist.org/bible-study/bri.html.
2. Mirela Faur, *Mistérios Nórdicos*, São Paulo: Editora Pensamento, 2007, p. 134.
3. Para mais informações sobre os cálculos para a datação da Páscoa, visite o site astro.if.ufrgs.br/pascoa.html.
4. Ver George Reid em www.adventist.org/bible-study/bri.html.
5. J. Lopez Marin, *A Celebração na Igreja: Ritos e Tempos da Celebração*, São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 42.
6. Ángel Manuel Rodríguez, *Festivals and the Christian Church*, 2005, p. 2, disponível em adventistbiblical-research.org/sites/default/files/pdf/release%203.pdf.
7. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 559, ed. P. SerVlr.
8. *Idem*, p. 563.



Comunicado conjunto dos líderes Adventistas ucranianos e russos

ANN/RA

Um comunicado difundido por líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia da Rússia, da Ucrânia e de outros países do Leste Europeu convida os membros da Igreja e “todas as pessoas de boa vontade” a participarem no “ministério de reconciliação” face ao agravamento da situação político-militar na Ucrânia. Já em fevereiro Viktor Alekseenko, presidente da Igreja Adventista na Ucrânia, tinha pedido aos Adventistas para orarem pelo seu país e para evitarem suscitar hostilidades, tanto nas ruas como nos meios de comunicação. Alekseenko encontra-se entre os líderes da Igreja que assinaram o comunicado conjunto, em que se apela a que os Adventistas e os restantes membros da comunidade

ajudem a “restaurar a dignidade humana, a igualdade e a unidade pela graça de Deus”. O comunicado foi assinado pelos líderes da Divisão Euro-Asiática, da União Bielorrussa, da União do Cáucaso, da União da Rússia de Leste, da União do Extremo Leste, da União Moldava, da União do Sul, da União Trans-Caucasiana, da União Ucraniana e da União do Oeste da Rússia. Entretanto, a cadeia de televisão oficial da Igreja na Ucrânia está a transmitir uma maratona diária de oração. O programa chama-se “Deus salve a Ucrânia” e ocupa o horário nobre do *Hope Channel* da Ucrânia, dando destaque a histórias vindas de todas as partes do país que evidenciam os valores da unidade e do perdão.

Visita de Ted Wilson à Divisão do Sul do Pacífico

ANN/RA

Ted N. C. Wilson, Presidente da Igreja Adventista do Sétimo Dia, visitou no mês de fevereiro alguns países da Divisão do Sul do Pacífico, encontrando-se com líderes governamentais e inaugurando o novo *Campus* de uma Faculdade Adventista.

Acompanhado por uma delegação de líderes da Igreja, Wilson visitou a Papua Nova Guiné, as Ilhas Salomão e as ilhas Fiji, três países que possuem cerca de 75% dos Adventistas que habitam na Divisão do Sul do Pacífico. Na Papua Nova Guiné a delegação Adventista reuniu-se com o Primeiro-Ministro Peter O'Neill, bem como com o líder da oposição, Belden Namah, e com o Presidente do Parlamento, Theo Zurenoc. Belden Namah, membro da Igreja Adventista, foi tocado pela mensagem de encorajamento que Wilson lhe levou, incentivando-o a trabalhar pelo bem do seu país. Ted Wilson agradeceu em particular ao Primeiro-Ministro pela liberdade religiosa existente na Papua Nova Guiné. Wilson foi recebido neste país com o mesmo protocolo com que são recebidos os Chefes de Estado, incluindo segurança policial e escolta oficial.

Ted Wilson e a delegação que o acompanhava também se deslocou às Ilhas

Salomão, onde se encontraram com o Primeiro-Ministro – Darcy Lilo. Este congratulou a Igreja Adventista do Sétimo Dia pelo seu 100º aniversário, que comemora a chegada dos primeiros missionários às praias da nação. “Gostaria de dar os parabéns a todos os membros da Igreja. Espero que Deus vos continue a conduzir durante os próximos cem anos”, disse Lilo. Os líderes Adventistas também viajaram até Kuduku, na província Ocidental das Ilhas Salomão, o local em que foi estabelecida a primeira missão Adventista.

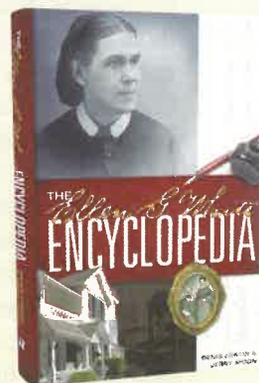
Por último, Ted Wilson viajou até às ilhas Fiji, onde inaugurou oficialmente o novo *Campus* da centenária Faculdade Fulton, em Sabeto. O novo local da Faculdade – que fica a 15 minutos do Aeroporto Internacional de Nadi – servirá bem os cerca de 60% de alunos que vêm de outros países. Wilson disse na ocasião que a Faculdade de Fulton tinha uma dívida eterna para com o povo de Sabeto por este ter oferecido o terreno para a construção da Faculdade. “Este terreno foi dado como expressão de muito amor e de muito respeito e eu louvo o povo de Sabeto por isso”, disse Ted Wilson.

Publicada uma enciclopédia sobre Ellen White

ANN/RA

Foi recentemente publicada uma enciclopédia dedicada a Ellen G. White, cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que oferece uma visão global sobre a sua posição acerca de inúmeros tópicos e corrige falsas concepções sobre a sua vida e obra. O livro intitula-se *The Ellen G. White Encyclopedia* e é publicado pela Review and Herald Publishing Association. Inclui artigos biográficos sobre Ellen White e estudos temáticos sobre os seus escritos. Segundo o historiador Adventista George Knight, “esta Enciclopédia sobre Ellen White é, sem dúvida, a mais importante obra de consulta publicada pela Igreja Adventista no último

meio século”. A Enciclopédia é constituída por 1300 artigos, com descrições dos vários lugares em que Ellen White viveu e com indicações sobre as pessoas que interagiram com ela ao longo da sua vida. Inclui também fotografias raras e expõe as tomadas de posição de Ellen White sobre diversos tópicos. Os editores Denis Fortin e Jerry Moon trabalharam com uma equipa de 180 especialistas durante 14 anos para compilar o material que constitui a Enciclopédia. Esta foi concebida para ser a obra de referência sobre a vida e obra de Ellen White para todos os que se interroguem sobre as suas posições doutrinárias. “Estou empolgado com a riqueza de informação sobre Ellen White e sobre o seu ministério que está contida neste livro e estou impressionado com a profundidade e a amplitude do material que o constitui”, declarou Jim Nix, diretor do *Ellen G. White Estate*. “Não posso imaginar uma pessoa interessada em Ellen White e nos seus escritos que não queira adquirir um exemplar deste livro, de tal modo é ele valioso”, afirmou Nix.



Programa de alfabetização Adventista em El Salvador

ANN/RA

Um programa de alfabetização coordenado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia em El Salvador reduziu a taxa de analfabetismo de 17% para 13%, trazendo novas oportunidades a milhares de pessoas e promovendo a influência da Igreja naquele país da América Central. Mais de 2500 estudantes receberam os certificados de conclusão do curso numa cerimônia realizada em fevereiro, na capital do país, San Salvador. Angélica Pania, Coordenadora Nacional para a Alfabetização do Ministério de Educação de El Salvador aplaudiu o esforço da Igreja Adventista e dos seus voluntários. O Ministério da Educação fornece os materiais, a formação e o processo de acreditação para os voluntários do programa de alfabetização. Segundo a ADRA de El Salvador, mais de 6000 pessoas já receberam a certificação através de cerca de 650 polos de alfabetização no país. O programa é implementado por 520 voluntários. Juan Pablo, Diretor da ADRA de El Salvador, disse que o programa é uma oportunidade de a ADRA estabelecer

uma parceria com a Igreja Adventista e expandir o seu serviço à comunidade. Este programa está também a expandir a influência da Igreja Adventista em El Salvador. “Este tipo de serviço à comunidade permitiu-nos estabelecer laços com a comunidade e tornou-nos conhecidos da população, das agências governamentais e das entidades privadas”, disse Abel Pacheco, presidente da União-Missão de El Salvador.

Eradicar o analfabetismo por toda a América Central é uma prioridade da Igreja Adventista na região, disse Wally Amundson, diretor da ADRA da Divisão Inter-Americana. Segundo Amundson, a Guatemala, a Nicarágua e as Honduras já começam a sentir os efeitos desta iniciativa da Igreja, tendo as suas taxas de analfabetismo descido significativamente. Entre os três milhões e meio de membros da Igreja Adventista na Divisão Inter-Americana, calcula-se que existem centenas de milhares que não sabem ler ou escrever. Cada graduado no mais recente programa de alfabetização de El Salvador recebeu uma Bíblia

nova, podendo assim aplicar os seus novos conhecimentos ao mesmo tempo que aprende mais sobre Deus.

A Divisão Inter-Americana pretende implementar mais programas de alfabetização baseados nas igrejas. Abel Pacheco disse que a Igreja nesse país definiu como objetivo para 2014 o estabelecimento de um centro de alfabetização em cada uma das 930 igrejas Adventistas do país.

Campanha contra a violência doméstica na Roménia

ANN/RA

Há já alguns anos que a Igreja Adventista do Sétimo Dia na Roménia tem vindo a promover campanhas contra a violência doméstica, mas a campanha realizada este ano apresenta uma novidade. A ADRA da Roménia uniu-se a organizações da Igreja Adventista, agências governamentais e empresas, para lançar uma iniciativa nacional sob o slogan “Um verdadeiro homem”. Esta iniciativa começou em dezembro de 2013 e estendeu-se até janeiro de 2014. Os organizadores escolheram como símbolo da campanha um lenço azul, que cada mulher romena pôde oferecer a “um verdadeiro homem” por ela conhecido que demonstrasse possuir verdadeiro amor. A promoção desta iniciativa nacional baseou-se numa parceria com cerca de vinte meios de comunicação, para além da distribuição de posters e de 250 000 folhetos. Esta série de campanhas empreendidas ao longo dos anos não apenas levou a uma tomada de consciência da nação no que toca ao problema da violência doméstica, como ajudou a mudar as leis do país, de modo a dar mais garantias de defesa às vítimas. Para além disso, a Igreja Adventista do Sétimo Dia na Roménia tornou-se muito mais conhecida e ganhou o reconhecimento da população do país.

Líderes dos Ministérios da Mulher reúnem-se em Haus Schönblick, na Alemanha

ANN/RA

Foi com entusiasmo e dedicação que as responsáveis dos Ministérios da Mulher da nossa Divisão (EUD) se reuniram durante três dias para planear e

programar o 1º Congresso Intereuropeu dos Ministérios da Mulher, que se realizará em setembro de 2014. Sob o tema “Women in Action” (“Mulheres em Ação”), este congresso pretende ajudar todas as participantes a envolverem-se mais nas suas igrejas e nas suas comunidades, dedicando-se à evangelização. Entre muitos convidados para o Congresso estarão presentes a Diretora e a Diretora-Associada dos Ministérios da Mulher da Conferência Geral, as irmãs Heather-Dawn e Raquel Arrais. Para mais informações consulte o site www.women.eud.adventist.org.



Cimeira anual sobre saúde na América do Norte

ANN/RA

Realizou-se no mês de fevereiro, em Orlando, nos Estados Unidos da América, uma Cimeira sobre saúde. Profissionais de saúde e líderes missionários da Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Norte criaram planos para se regressar à realização de um amplo ministério médico-missionário segundo os moldes tradicionais da Igreja. “Deus chamou-nos para trabalharmos juntos e apenas tocaremos verdadeiramente a vida das pessoas como Jesus tocava se trabalharmos em colaboração com Ele”, disse Katia Reinert, Diretora dos Ministérios de Saúde da Divisão da América do Norte. O apelo à implementação de um ministério que misture a promoção da saúde com a proclamação do Evangelho foi um dos pontos altos da Cimeira. Os organizadores da Cimeira, em parceria com a Universidade de Loma Linda, realizaram uma

reunião de profissionais de saúde para se definir o papel destes profissionais num amplo ministério de saúde, tanto na sua prática clínica, como na sua igreja local. A Cimeira deste ano também definiu idealmente as funções a serem desempenhadas por profissionais de saúde, pastores, educadores e voluntários da Assistência Social Adventista. O objetivo do ministério de saúde integrado é seguir o método de Cristo de colmatar as necessidades físicas antes de responder às necessidades espirituais. Nos últimos meses, responsáveis cimeiros da Igreja Adventista têm apelado para que se coloque uma ênfase renovada na implementação de um ministério de saúde integrado, onde se dê a junção das componentes físicas e espirituais. Isto implica a existência de uma estreita colaboração entre médicos e ministros do Evangelho.

Esta nova ênfase pretende relançar a tradicional abordagem missionária da Igreja Adventista assente na prestação de cuidados de saúde. Os primeiros missionários médicos da Igreja levavam tanto cura física como cura espiritual às comunidades que procuravam evangelizar. Assim, o barco missionário “Morning Star” (Estrela da Manhã) lançou o trabalho médico-missionário ao longo do rio Mississipi. Mais tarde, um outro barco chamado “Luzeiro” levou o esforço médico-missionário da Igreja às comunidades situadas nas margens do rio Amazonas, na América do Sul. Os organizadores da Cimeira têm a esperança de que uma renovada ênfase na promoção do ministério médico-missionário dê continuidade a este legado histórico. Eles partilham a visão de que cada igreja Adventista possa servir como um centro de esperança e de cura nas comunidades onde estão inseridas.

NOTÍCIAS NACIONAIS

Batismos em Arganil Concerto musical em Coimbra

Nuno Paiva

A Igreja Adventista do Sétimo Dia de Arganil esteve em festa. Realizou-se no Sábado, 25 de janeiro de 2014, uma cerimónia batismal em Arganil. Uma filha e um

filho do Deus Altíssimo entregaram a sua vida Àquele que de todos cuida. Foram eles a jovem irmã Sara Marçal Domingues e o irmão Mário Pinto. Graças sejam dadas a Deus pela vitória que estas duas

almas alcançaram, com a ajuda do Espírito Santo. A igreja de Arganil festejou com júbilo esta ocasião, que assinala o seu crescimento e mostra o impacto que a mensagem dos três anjos tem tido nesta localidade. Considerando os esforços missionários empreendidos, acreditamos que outras cerimónias como esta se seguirão. Que Deus possa continuar a abençoar o trabalho de disseminação do Evangelho em Arganil!

Nuno Paiva
Diretor do Dep. de Comunicações da IASD
em Arganil

Ad7News/RA

A Igreja Adventista de Coimbra foi o auditório escolhido para o lançamento do primeiro CD Jovem, lançado em Portugal pelo Departamento de Jovens da UPASD em parceria com o Brasil. Na tarde do dia 22 de fevereiro, oito jovens cantores deram um concerto dirigidos pelo Maestro Gerson Coelho. Foram apresentadas 12 canções, interligadas num único tema – “A Grande Esperança”. No concerto, os pastores Pedro Esteves, Departamental de Jovens, e José Lagoa, Diretor do Serviço de Música e Liturgia,

tiveram a oportunidade de deixar algumas palavras de apelo. Os membros Adventistas da região, em geral, e todos os que estão ligados à música, em particular, corresponderam ao apelo e vieram ouvir o concerto. Este foi igualmente transmitido pela TV Adventista e pela Rádio RCS. Com este novo CD, adquirível por um preço bastante acessível, será possível louvar a Deus nas igrejas e nos lares, mantendo firme “A Grande Esperança” de ver Jesus voltar em breve. Veja as fotos em www.facebook.com/UPASD.





A m5t3mát1c5 de Deus

10^a
parte

Com este artigo chegamos ao final desta série de dez artigos sobre a utilização e o significado espiritual dos números na Bíblia. Como explicamos ao longo da série, não temos uma visão mística deste tema, mas acreditamos que, em muitos casos, os números são utilizados por Deus, na Bíblia, para revelar verdades espirituais profundas. Constatamos também, ao longo destes artigos, que existem casos de atribuição abusiva de significado a certos números, sendo que muitas dessas atribuições, na nossa opinião, não passam de meras coincidências. Mas, claro está, o último artigo teria de ser o décimo da série, uma vez que o número Dez, como poderão verificar em artigos anteriores,¹ tem grande importância na Bíblia.

Cem

O número Cem é bastante utilizado na Bíblia, estando presente quase cem vezes. Talvez a utilização mais conhecida e, ao mesmo tempo, mais simbólica deste número seja na Parábola da Ovelha Perdida (Mateus 18:11-13). Nesta parábola, o número Cem é utili-

zado para representar as ovelhas que estavam inicialmente no redil, simbolizando aqueles que estão salvos. Mas o número transforma-se em Noventa e Nove, quando a ovelha se perde, e a história termina apenas quando essa ovelha perdida é encontrada, voltando-se ao inicial número simbólico de cem ovelhas.

Além de representar os salvos, este número também corresponde à idade de Abraão quando nasceu o seu filho Isaque (Gênesis 21:5). Isaque é identificado na Bíblia como “o filho da promessa” (Romanos 9:7 e 8). Isto faz do número Cem o número dos filhos da promessa.

Cento e Dezanove

Alguns autores atribuem ao número Cento e Dezanove grande significado.² Não vejo qualquer evidência que suporte essa interpretação. Matematicamente, ele apresenta a curiosidade de ser apenas divisível por outros dois números: Sete e Dezassete. Isso significa que pode obter-se Cento e Dezanove através da multiplicação de Sete por Dezassete. Sabendo que Sete representa a perfeição e Dezassete a Vitória,³ isto é su-

É nossa convicção profunda que a verdadeira Ciência orienta o ser humano para Deus. Ao longo desta série de artigos, pretendemos fornecer elementos que permitam demonstrar as bases para esta convicção. Cada mês vamos explorar uma descoberta ou um avanço científico e verificar o que estes podem significar para a nossa fé.

ficiente para que muitos vejam a providência divina presente neste número. Na minha opinião, é apenas mais um exemplo de exagero na interpretação.

Cento e Vinte

O número Cento e Vinte, pelo contrário, está repleto de significados espirituais. Vimos, no passado, que o número Quarenta é associado, na Bíblia, a um período de provação espiritual.⁴ Se multiplicarmos Quarenta por Três – número que representa a totalidade – obtemos Cento e Vinte. Em Gênesis 6:3, Deus determina um período de provação de cento e vinte anos para que decorra o juízo pré-diluviano. Juntando esta

ideia ao facto de Noé ser chamado “pregador da justiça” (II Pedro 2:5), podemos inferir que Noé, durante cento e vinte anos, proclamou a determinação de Deus em conceder esses cento e vinte anos de graça aos habitantes deste Planeta, antes da destruição pelo Dilúvio.



Cento e Quarenta e Quatro

E chegamos a um dos números mais famosos e também mais controversos da Bíblia. No capítulo sete de Apocalipse, cento e quarenta e quatro mil servos de Deus são selados nas suas testas, imediatamente antes da destruição da Terra. Atendendo ao contexto, concluímos que este é um número simbólico, construído a partir da existência de doze mil selados de cada uma das doze tribos de Israel. Creio que isto indica que este grupo será constituído por pessoas pertencentes a todo o Povo de Deus existente na Terra nesse momento, sem discriminação étnica. Portanto, não será constituído apenas por pessoas pertencentes a algum subgrupo especial, isto é, não será constituído apenas por Judeus. Mas o aspeto que quero realçar, e que mais me emociona neste tema, não é saber exatamente, para além do que está revelado, quem são estes cento e quarenta e quatro mil. O que quero realçar é que, no mesmo capítulo sete, no versículo nove, é descrita uma multidão de salvos, além dos cento e quarenta e quatro mil.

A barreira dos sete mil milhões de habitantes da Terra foi ultrapassada em 2011⁵ e estima-se que, ao todo, cerca de 100 mil milhões de pessoas já viveram na Terra.⁶ Se os cento e quarenta e quatro mil forem a quantidade literal de pessoas salvas, isso significaria que apenas uma em cada setecentas e cinquenta mil pessoas seria salva.

Ou seja, por exemplo, em Portugal apenas cerca de treze pessoas de entre a população atual seriam salvas! Todos conhecemos a expressão “muitos são chamados, mas poucos escolhidos” (Mateus 22:14), mas não sei quantos de nós consideraríamos que Jesus tinha em mente tão poucos escolhidos. Graças a Deus pela grande multidão de salvos “que ninguém pode contar” (Apocalipse 7:9), que nos mostra que é real a possibilidade de, um dia, estarmos com o nosso Deus na eternidade.

Cento e Cinquenta e Três

O número Cento e Cinquenta e Três é mencionado em João 21:11 como sendo a quantidade de peixes recolhida do mar após a pesca milagrosa. O seu significado foi debatido por inúmeros teólogos ao longo dos séculos. Porquê exatamente cento e cinquenta e três peixes? Porque não cerca de cento e cinquenta, ou duzentos, ou “uma grande quantidade”, mas exatamente cento e cinquenta e três? Deve haver uma razão. Já Agostinho de Hipona, que viveu entre 354 e 430,⁷ notou que a soma dos dezassete primeiros números in-

$$1+2+3+4+5+6+7+8+9+10+11+12+13+14+15+16+17=153$$

teiros resulta no número Cento e Cinquenta e Três.

Mas o máximo que ele conseguiu oferecer como significado espiritual desta curiosidade foi o facto de o número Dezassete ser

conhecido como o número da vitória.⁸ Outras explicações foram apresentadas, mas talvez a mais engenhosa⁹ tenha sido a proposta por Jerónimo, que viveu entre 347 e 420,¹⁰ o qual fez notar que o poeta Oppiano¹¹ identificou no seu poema sobre Haliêutica¹² exatamente cento e cinquenta e três espécies de peixes. Desta forma, a pescaria teria sido um símbolo da abrangência universal do Evangelho. Não eram apenas cento e cinquenta e três peixes, mas eram representantes de todas as cento e cinquenta e três espécies de peixes que existiriam, ou seja, o Evangelho poderia chegar a todas as nações e a todos os povos. O problema é que Oppiano viveu no século III, bastante depois da história em questão ter sido escrita. Além disso, hoje sabemos que existem muito mais do que cento e cinquenta e três espécies de peixes.¹³ Falando francamente, este parece-me um exemplo em que se tenta encontrar significados espirituais onde eles não existem. E pior do que isso, ao fazê-lo, ofusca-se o significado explícito da história, para se procurar significados escondidos. Quando lemos o contexto desta pescaria, concluímos que a menção deste número – em si mesma sem grande interesse – é feita numa história muito rica em significado espiritual, especialmente para os Cristãos que vivem no tempo do fim.

Jesus tinha instruído os discípulos para esperarem por Ele na Galileia (Mateus 26:32), mas,

aparentemente, eles tinham ficado desmotivados devido ao tempo da demora. Voltaram aos seus hábitos e às suas profissões antigas, voltaram às suas redes. O resultado foi uma noite de pesca to-

talmente infrutífera. Tal como os discípulos, nós corremos o mesmo risco. Por isso, também as nossas “redes” muitas vezes voltam vazias, porque estamos a cumprir os gestos ou os rituais, mas não o fazemos em conexão com o nosso Deus. E as instruções de Deus, tal como Jesus instruiu os discípulos, não são para deixarmos as redes, mas para as utilizarmos de acordo



com a Sua orientação, enquanto esperamos o Seu Advento: “Lançai a rede para o lado direito do barco” (João 21:6).

Há situações em que cento e cinquenta e três peixes são apenas isso: cento e cinquenta e três peixes. Mas o estudo do texto bíblico revela-nos sempre verdades eternas.

Conclusão Final

Foram dez artigos, ao longo de mais de um ano, nesta série da “Matemática de Deus”. Quero testemunhar perante os leitores que a preparação destes artigos me trouxe muitos ensinamentos e me enriqueceu espiritualmente. Na verdade, sempre que seguimos as instruções das Escrituras, essa será a nossa experiência.

Neste percurso, procurei seguir os seguintes conselhos bíblicos:¹⁴

João 5:39 – “Examinai as Escrituras”. Mais do que simplesmente ler, a instrução é para “estudar cuidadosamente”, ou para “prescrutar”, conforme outras traduções da Bíblia.

Salmo 1:2 – Meditar na Sua Lei “dia e noite”. Mais do que simplesmente conhecer, respeitar ou até obedecer, devemos meditar na Lei dia e noite. Estamos a falar de um ato consciente, constante e profundo, de busca do significado daquilo que Deus amorosamente nos concedeu.

I Coríntios 2:13 – Somos convidados a combinar “coisas espirituais com espirituais”. Também isso procurámos fazer, em lugar de simples contas matemáticas que levassem a interpretações sensacionalistas. Procurámos discernir espiritualmente o significado espiritual do uso dos números na Palavra de Deus.

Pois bem, ao estudarmos o significado dos números, penso que estivémos a examinar, a estudar cuidadosamente e a prescrutar as Escrituras, buscando descobrir o seu mais profundo significado (primeiro conselho). Dedicámos bastante tempo a meditar em conjunto no significado das Escrituras através da meditação no significado dos seus números (segundo conselho). Procurámos entender o significado espiritual do uso dos números à luz da própria Bíblia, combinando assim o que é espiritual com o que é espiritual (terceiro conselho).

Mas existe um quarto conselho, onde está encerrada ao mesmo tempo uma bênção, que deverá orientar-nos nos próximos passos: “Mas quem contempla atentamente a lei perfeita – a lei da liberdade – e nela persevera, sendo não ouvidor esquecediço, mas fazedor de obra, este será bem-aventurado na sua ação” (Tiago 1:25). A Bíblia convida-nos a examinar, a meditar, a combinar o que é espiritual com o que é espiritual e a contemplar. Mas também, depois destas coisas, somos convidados a ser “fazedores de obra”.

O cientista que vê através do seu microscópio uma amostra, que preparou cuidadosamente durante longo tempo, ajusta o foco, medita longamente sobre a sua observação, forma um entendimento científico sobre o assunto, uma hipótese ou até mesmo uma teoria. Tal como nós fizemos no nosso estudo dos números. Mas, após esta fase, ele precisa de testar a sua hipótese ou a sua teoria, fazendo experiências, isto é, passando à ação. Que nós também, como Cristãos, depois de iluminados pelo estudo da Palavra de Deus e dos seus profundos significados, possamos passar à ação e experimentar um Cristianismo atuante e verdadeiro, pleno de amor ao próximo. E, com isto, convido o Leitor a experimentar o número mais importante da Bíblia: o **Infinito**, que se encontra encerrado na célebre frase bíblica: “**Deus é Amor**” (I João 4:8).

· **Miguel Mateus**

*Engenheiro em Eletrotécnica –
Telecomunicações e Eletrónica
Mestre em Investigação Operacional
Grau de MBA – Master in Business
and Administration*

1. Ver Miguel Mateus, “A matemática de Deus”, *Revista Adventista*, agosto de 2013.
2. F. Vallowe, *Biblical Mathematics*, 1998, p. 206.
3. Ver Miguel Mateus, “A matemática de Deus”, *Revista Adventista*, outubro de 2013.
4. Ver Miguel Mateus, “A matemática de Deus”, *Revista Adventista*, dezembro de 2013.
5. Estima-se que essa marca foi alcançada em 31 de outubro de 2011. Veja-se www.worldometers.info/world-population/.
6. Estimativa do *Population Reference Bureau*: www.prb.org/Publications/Articles/2002/HowManyPeopleHaveEverLivedonEarth.aspx.
7. en.wikipedia.org/wiki/Augustine_of_Hippo.
8. Ver Miguel Mateus, “A matemática de Deus”, *Revista Adventista*, outubro de 2013.
9. [en.wikipedia.org/wiki/153_\(number\)](http://en.wikipedia.org/wiki/153_(number)).
10. en.wikipedia.org/wiki/Jerome.
11. Oppiano de Apameia ou Oppiano da Síria. Veja-se pt.wikipedia.org/wiki/Oppiano_de_Apameia.
12. A Haliêutica é a arte de pescar. O poema pode ser consultado (em Inglês) neste site: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Oppian/Haliutica/1*.html.
13. As estimativas variam entre 28 000 e 40 000 espécies de peixes. Veja-se www.ask.com/question/how-many-fish-species-are-there.
14. Adaptado de Robert Johnston, *Numbers in the Bible*, 1990, pp. 110-112.

A oferta de um rei para a “Casa do Senhor”

O Templo de Salomão foi, sem dúvida, um dos mais augustos e opulentos edifícios do mundo antigo. Os melhores materiais de construção de cedro e cipreste vieram do Líbano (I Reis 10:11 e 12). Hábeis artífices fenícios, que eram então “os mestres construtores do Médio Oriente”,¹ deram a sua assistência à construção. Construído no Monte Moriá, em Jerusalém, ele não deveria ser apenas o centro da experiência religiosa de Israel, mas deveria ser também a habitação do próprio Senhor Deus (I Reis 8:10 e 11).

O que aconteceu a este Templo? A arqueologia dos últimos 200 anos tem revelado muito acerca dos vários povos, lugares e eventos ligados a Israel na história bíblica. Por esta razão, é frequentemente suposto que muito deveria ser conhecido acerca do Templo de Salomão. Mas tal não é o caso. Embora a localização geral do monte do Templo esteja bem estabelecida,² a presença da Cúpula da Rocha tornou impossível realizar escavações detalhadas durante o século XX. No entanto, isto não impediu os arqueólogos de especularem acerca da localização exata do Templo de Salomão. Alguns sugeriram que o Templo estava a cerca de 105 metros ao norte da Cúpula. Isto tornaria possível a reconstrução do Templo sem perturbar aquele que é o terceiro mais importante santuário do Islão.³ Outros apresentaram for-

tes argumentos no sentido de que o Templo estaria precisamente onde está erigida a Cúpula da Rocha⁴ e localizaram o lugar onde a arca da aliança estaria posicionada no Santo dos Santos.⁵ Apesar destas teorias, ainda não foi encontrada nenhuma prova arquitetónica do Templo de Salomão. A ausência de tais provas levou alguns eruditos a duvidarem da descrição histórica do texto bíblico pertencente ao período de Salomão. Alguns perguntam-se se alguma vez Salomão teria tido a riqueza em ouro que lhe é atribuída.⁶ Outros vão ao ponto de pôr em causa a validade de se atribuir ao tempo de Salomão⁷ vestígios arquitetónicos presentes no registo arqueológico.⁸

Uma nova inscrição

Recentemente, um documento extraordinário veio a lume, lan-

çando nova luz sobre a “Casa do Senhor” construída por Salomão em Jerusalém. Foi recentemente anunciada a descoberta de um pedaço pequeno e partido de olaria com uma inscrição (chamado pelos arqueólogos *ostrakon*), que é parte de uma coleção de antiguidades, propriedade do colecionador londrino Sh. Moussaieff. A inscrição dá-nos diversos detalhes extraordinários sobre a relação do rei com o Templo no antigo reino de Judá.⁹

O *ostrakon* mede 10,9x8,6 centímetros e está completo, exceto por uma letra que falta no início da terceira linha. A inscrição está escrita no alfabeto hebraico pré-exílico e foi datada paleograficamente como sendo da segunda metade do sétimo século a.C..¹⁰ O texto traduzido é o seguinte:

“Segundo Ashyahu, o rei, ordenou-te:

- para dar a
- Zakaryahu prata de Tar-
- shish para a Casa de YHWH:
- três shekels.”

O conteúdo da inscrição

A mensagem, escrita por uma mão desconhecida, relata claramente uma ordem dada por alguém identificado como sendo o rei. O nome próprio do rei, SYWH, encontra-se em numerosas inscrições extrabíblicas, mas nunca associado com o título de “rei”. Segundo Bordreuil, Israel e Pardee,

nenhum rei israelita foi conhecido por esse nome, embora eles também afirmem que “os nomes reais podem aparecer em mais do que uma forma”.¹¹ Baseado na reversão dos elementos do nome (mudando a forma do nome de verbo-sujeito para sujeito-verbo), eles sugeriram que o rei poderia ser o bíblico Joash/Jehoash, rei de Judá (835-786 a.C.), ou Jehoash de Israel (798-782/1 a.C.), ou, mais provavelmente, Josiah (640-609 a.C.).¹²

O propósito do texto é manifesto. O rei está a ordenar a alguém que dê três shekels de prata a Zakaryahu para a “Casa do Senhor”. O nome bem conhecido Zakaryahu, ou Zacarias, é mencionado em relação com o Templo, tanto durante o reino de Joash (II Crônicas 24:20), como durante o reino de Josiah (II Crônicas 34:8). A “Casa do Senhor” é uma expressão típica usada em todo o Antigo Testamento para referir o Templo.

A doação é designada como sendo “prata de Tarshish”. A menção a esta fonte de prata é encontrada frequentemente na Bíblia. O livro de II Crônicas 9:21 indica que ouro, prata e marfim vinham de navio desde Tarshish. Isaías prediz que

prata e ouro de Tarshish virão para Judá (Isaías 60:9). Jeremias (10:9) afirma que “a prata estendida” em barras vem de Tarshish.

A linha final da inscrição tem simplesmente a letra “S”, a qual é a abreviação de “*shekelim*” (*shekeles*), seguida de três traços indicando o número. A palavra hebraica “*shekel*” tinha um “peso” literal e medido. Um peso *shekel* encontrado no sítio arqueológico de Gezer também tinha a inscrição “LMLK” ou seja, “do rei”, e pesava 11,14 gramas, o que correspondia ao *shekel* real mencionado na Bíblia. Presente na nossa inscrição é a ordem de ser dada ao Templo três *shekeles* de peso em prata de Tarshish. Dado que a oferta de prata vem do rei, Bordreuil, Israel e Pardee sugerem que o *shekel* referido na inscrição é o *shekel* real e não o “*shekel* do santuário” (Êxodo 30:12).¹³

O significado da inscrição

Esta inscrição dá uma contribuição significativa para o estudo da Bíblia. Em primeiro lugar, a menção de um rei israelita chamado “SYWH” não tem precedentes e permite-nos sugerir uma maneira alternativa de soletrar os nomes

Joash/Jehoash ou Josiah. Nos três casos, ela representa a primeira associação extrabíblica deste nome com a realeza.

Em segundo lugar, o nome do oficial do Templo é importante. Os relatos bíblicos sobre os dois reis mencionados acima indicam o serviço de um tal Zakaryahu, ou Zacarias, na “Casa do Senhor”. Nos relatos sobre Joash/Jehoash, rei de Judá, o pai de Zacarias, Jehoiada, desempenha um papel central, dado que, em acordo com o rei, ele angaria dinheiro para se reparar “a Casa do Senhor”. Segundo uma ordem do rei, uma arca foi colocada no Templo para recolher fundos, os quais seriam então destinados ao pagamento dos salários de pedreiros e carpinteiros (II Crônicas 24:5-12). Vasos de ouro e prata foram feitos a partir dos fundos recolhidos (II Crônicas 24:14). Mas a narrativa termina em tragédia, dado que o rei se revolta contra Deus após a morte do sacerdote Jehoiada. E quando o filho deste, Zacarias, pronuncia o juízo de Deus sobre Joash/Jehoash, o rei incita o povo a apedrejar Zacarias no pátio da “Casa do Senhor”. Assim, embora seja possível atribuir



o *ostrakon* ao seu reino, os acontecimentos descritos na Bíblia sugerem que Joash/Jehoash, que estava então em revolta contra Deus e já tinha acabado as reparações no Templo, não teria ordenado que fosse enviada uma oferta durante o sacerdócio de Zacarias, o qual teria sido apedrejado por sua ordem.

De facto, como Bordreuil, Israel e Pardee fazem notar, a evidência paleográfica sugere que a inscrição data da segunda metade do sétimo século a.C.. Além do mais, podemos encontrar um contexto bíblico adequado para o *ostrakon* neste período. Tal como ao seu predecessor Joash/Jehoash, também foram atribuídas a Josiah importantes reformas, bem como extensas reparações da “Casa do Senhor”. É nesta altura que o Livro da Lei é encontrado, levando à reforma e ao reavivamento através de toda a nação e é neste contexto que um

certo Zacarias é mencionado como sendo um oficial do Templo, tendo como título “Maioral da Casa do Senhor” (II Crônicas 35:8).¹⁴ O contexto da narrativa de II de Reis 22 e II de Crônicas 35 tornam provável que este Zacarias seja precisamente aquele que é designado na inscrição. Como “Maioral da Casa do Senhor”, ele poderia ser o responsável pela recolha de fundos destinados à renovação do Templo.¹⁵ Além disso, Josiah permaneceu fiel a Deus e realizou não apenas a reconstrução do Templo, como também a demolição dos lugares altos e a extirpação da idolatria em Judá. Efetivamente, ele seria a pessoa que mais provavelmente faria uma oferta pessoal à “Casa do Senhor”.

Finalmente, e talvez mais significativo, os estudiosos da Bíblia têm agora a primeira referência extrabíblica ao Templo de Salomão redigida em escrita judaica. Embora não

estejamos certos de onde foi encontrado o *ostrakon*, podemos supor que ele foi escrito em Jerusalém. A inscrição refere-se ao Templo como sendo a “Casa do Senhor”, uma expressão que se encontra na Bíblia e que é usada exclusivamente em referência ao Templo em Jerusalém.¹⁶

Embora este Templo esteja encoberto pelo tempo e por construções subsequentes, podemos ainda assim refletir sobre a sua magnificência e o seu esplendor manifestados quando se situava no Monte Moriá. Era aquele Templo que testemunhava a todas as nações da majestade e da providência do Deus do Céu, da Sua generosidade e do Seu apoio ao Seu povo, bem como da dedicação do Seu servo, o rei. ✠

• **Michael G. Hasel**

Diretor do Instituto de Arqueologia e Professor de Arqueologia na Southern Adventist University

1. Alfred J. Hoerth, *Archeology and the Old Testament*, Grand Rapids, Mich., Baker, 1998, p. 281; Veja a resenha crítica por Michael G. Hasel, *Andrews University Seminary Studies* 37, 1999, pp. 315-317.

2. Ephraim Stern, ed., *The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*, New York: Simon and Schuster, 1993, vol. 2, p. 718.

3. Veja Asher S. Kaufman, “Where the Ancient Temple of Jerusalem Stood”, *Biblical Archaeology Review*, 9/2, 1982, pp. 40-61.

4. Leen Ritmeyer, “Locating the Original Temple Mount”, *Biblical Archaeology Review*, 18/2, 1992, pp. 24-45, 64 e 65.

5. Leen Ritmeyer, “The Ark of the Covenant: Where it Stood in Solomon’s Temple”, *Biblical Archaeology Review*, 22/1, 1996, pp. 46-55, 70-73.

6. Joseph Robinson, *The First Book of Kings*, Cambridge Bible, Cambridge, Cambridge University Press, 1972, p. 79; John Gray, *I and II Kings*, London, SCM, 1964, p. 160. Mas esta perspectiva foi desafiada por Allan R. Millard, “Does the Bible Exaggerate King Solomon’s Wealth?”, *Biblical Archaeology Review*, 15/3, 1989, pp. 20-29, 31, 34. Allan R. Millard, “Text and Archaeology: Weighing the Evidence: The Case for King Solomon”, *Palestine Exploration Quarterly* 123, 1991, pp. 117-119; Allan R. Millard, “King Solomon’s Shields”, in *Scripture and Other Artifacts*, ed. Michael G. Coogan, J. Cheryl Exum e Lawrence E. Stager, Louisville,

Ky., Westminster, 1994, p. 286-295.

7. Para uma excelente panorâmica das questões envolvidas, veja-se Gary N. Knoppers, “The Vanishing Solomon: The Disappearance of the United Monarchy from recent Histories of Ancient Israel”, *Journal of Biblical Literature*, 116, 1997, pp. 19-44.

8. Sobre as discussões recentes acerca das estruturas de portas de cidade em Hazor, Megiddo e Gezer que têm sido atribuídas a Salomão, baseado em I Reis 9:15 e 16, veja-se William G. Dever, “Further Evidence of the Date on the Outer Wall of Gezer”, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, 289, 1993, pp. 33-54; Randal W. Younker, “A Preliminary Report of the 1990 Season at Tel Gezer”, *Andrews University Seminary Studies* 29, 1991, pp. 19-60; e todo o número do *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 277/278, 1990. O apoio recente da datação do décimo século destas portas vem da escavação em Hazor; veja-se Amnon Ben-Tor e Doran Ben-Ami, “Hazor and the archaeology of the Tenth Century B.C.E.”, *Israel Exploration Journal* 48, 1998, pp. 1-37; idem, “Hazor and the Chronology of Northern Israel: A Reply to Israel Finkelstein”, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, 317, 2000, pp. 9-16.

9. Pierre Bordreuil, Felice Israel e Dennis Pardee, “Deux ostraca paleo-hebreux de la collection Sh. Moussaieff: 1) Contribution financière obligatoire pour le temple de YHWH, II) Reclamation

d’une veuve auprès d’un fonctionnaire”, *Semitica*, 46, 1996 [1997], pp. 49-76; idem, “King’s Command and Widow’s Plea: Two New Hebrew Ostraca of the Biblical Period”, *Near Eastern Archaeology* 61/1, 1998, pp. 2-13; veja também Herschel Shanks, “Three Shekels for the Lord: ancient Inscription Records Gift to Solomon’s Temple”, *Biblical Archaeology Review*, 23/6, 1997, pp. 28-32.

10. Bordreuil, Israel e Pardee, “King’s Command and Widow’s Plea”, *Near Eastern Archaeology* 61/1, 1998, p. 3. Infelizmente, a proveniência de artefactos como este presentes em coleções privadas raramente é conhecida. Análises laboratoriais realizadas na Universidade Johns Hopkins confirmam que o *ostrakon* é genuíno; veja-se Chris A. Rollston, “Laboratory Analysis of the Moussaieff Ostraca Using the Scanning Electron Microscope (SEM) with an Energy Dispersive X-Ray Microanalyzer (EDS)”, *Near Eastern Archaeology* 61/1, 1998, pp. 8 e 9.

11. *Ibidem*, p. 4.

12. Estas datas são baseadas na obra de Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, revised ed., Grand Rapids, MI, Eerdmans, 1965, p. 205.

13. Bordreuil, Israel e Pardee, “King’s command and Widow’s Plea”, *Near Eastern Archaeology*, 61/1, 1998, p. 5.

14. *Ibidem*, p. 7.

15. *Ibidem*, p. 5.

16. A inscrição contém divisores de palavras na forma de pontos que

separam a maioria das palavras. As implicações para outra inscrição, encontrada em Tel Dan, merecem ser notadas. O arqueólogo Avraham Biran e o eminente epigrafista Joseph Naveh concluíram que a inscrição de Tel Dan continha uma referência à “casa de David” (bt dwd). Esta foi a primeira referência extrabíblica a David e, mais particularmente, à dinastia de David; veja Michael G. Hasel, “The House of David”, *Adventist Review*, 14 de julho, 1994, p. 10. Reavaliações mais recentes desta inscrição concluíram que, talvez, ela não seja uma referência à dinastia de David, mas antes um nome de lugar, Beth-dod ou bethdaud (Philip R. Davies, “House of David! Built on Sand”, *Biblical Archaeology Review* 20/6, 1994. Esta interpretação baseava-se na falta de um divisor de palavras entre bt, “casa” e dwd, “David”. Este novo *ostrakon* discutido neste artigo dificilmente severamente este argumento. Neste *ostrakon* a designação “Casa de YHWH” não contém qualquer divisor de palavras, e no entanto, no seu contexto, refere-se, sem dúvida, ao Templo do Senhor. “Dado que não há qualquer divisor de palavras... não há razão para questionar a leitura “casa de David” na inscrição de Tel Dan simplesmente porque lhe falta um divisor de palavras”, Herschel Shanks, “Reading of Beit David Inscription Strengthened”, *Biblical Archaeology Review*, 23/6, 1997, p. 32.

O arco-íris

Enquanto eu conduzia a caminho do escritório, um arco-íris matinal desenhou uma meia parábola sobre a Criação num glorioso e garrido arco. Lembrando-me da promessa de Deus em Génesis 9 de que Ele não voltaria a destruir a Terra pela água, eu sorri, porque ver simplesmente o arco-íris ajudou-me a reafirmar a realidade daquela promessa da aliança com Noé.

Infelizmente, quão ingénua, até mesmo supersticiosa, uma tal crença pareceria àqueles que negam o Dilúvio universal pela mesma razão que negam uma criação da Terra em seis dias literais – isto é, por causa da Ciência. Não compreendendo (aparentemente) quão contingente, subjetivo, superficial e (segundo os críticos mais radicais) politizado, sexista e mesmo racista pode ser o conhecimento Científico, eles escolhem a “assim chamada Ciência” (segundo a frase perspicaz de Ellen White)¹ em vez de um claro “Assim diz o Senhor”. *A Ciência di-lo; eu creio-o; isto arruma a questão.*

Há apenas um problema: se o Dilúvio foi apenas uma cheia local, então cada cheia local anula a Palavra de Deus, porque Ele disse que o arco-íris era o símbolo da Sua promessa de aliança de não voltar a fazer o que fez, e que se encontra relatado em Génesis, que foi destruir todo o mundo pela água e não apenas um recanto da Mesopotâmia. Embora as Escrituras digam “Seja Deus verdadeiro e todo o homem mentiroso” (Rom. 3:4), de acordo com a lógica dos seguidores da Ciência elas deveriam dizer: *Seja a Ciência verdadeira, mesmo se torna Deus num mentiroso* (com cada arco-íris sendo uma testemunha colorida dessa mentira).

É certo que, graças à Ciência (Física e Ótica), sabemos agora que um arco-íris acontece quando a luz do Sol

é, simultaneamente, refratada e refletida em gotas de água que dispersam a luz em vários ângulos (com a luz mais intensa a ser projetada entre 40 e 42 graus). A luz entra numa gota de chuva num certo ponto, é refletida na parte de trás dessa gota num outro ponto e é projetada ainda num terceiro ponto, criando as cores que vemos (e uma série de outras que não vemos). A ciência do arco-íris também se pode tornar bastante técnica. Segundo um sítio da Internet que consultei, “o raio será mais concentrado quando pequenas mudanças no ângulo de entrada têm o menor efeito sobre o ângulo de saída. Isto é, se fizermos com que a_o seja o valor do ângulo de incidência que corresponde ao valor crítico do parâmetro de impacto calculado na experiência #1. Se da é um ângulo muito pequeno, então $D(a_o+da)$ deveria estar muito perto de $D(a_o)$ ”.

O poeta John Keats temia que a Ciência chegasse a “desfiar um arco-íris”. Mas mesmo se pudéssemos analisar, medir, prever e quantificar tudo acerca do arco-íris, até ao nível das entranhas de cada fotão e da barriga de cada *quark*, o que provaria isso senão que compreendemos melhor as leis naturais que Deus usou para criar o sinal da Sua promessa de aliança? A Ciência não retira Deus da equação por isso, tal como compreendermos a ação das hormonas no sistema límbico não reduz o amor humano a algo

de semelhante ao fígado segregando biliar. A Ciência poderá, um dia, ser capaz de explicar tudo acerca de *como* os arcos-íris são feitos – mesmo ao ponto de o expressar com 25 dígitos à direita de um ponto decimal – mas nunca poderá explicar *porquê*.

No entanto, nós sabemos porquê. Porque Deus criou o nosso mundo de tal maneira que, quando a luz do Sol e a névoa estão numa correta relação uma com a outra, a névoa fraciona a luz ao refratá-la e ao refleti-la em diferentes ângulos, os quais criam bandas de ondas eletromagnéticas que, quando atingem os nossos olhos, formam a imagem do arco-íris nas nossas cabeças. E Ele fê-lo (eis o “porquê” que a Ciência nunca poderá explicar) para nos lembrar da Sua promessa de aliança de que nunca mais voltaria a destruir o mundo pela água.

Em Apocalipse 4:3 um arco-íris aparece em torno do trono de Deus. Ellen White chama-lhe “o arco-íris da promessa de Deus, que era um sinal da Sua aliança com Noé. ... Uma promessa da misericórdia de Deus para com cada alma arrependida e crente. .. Ele declara a todo o mundo que Deus nunca irá esquecer o Seu povo na sua luta com o Mal”.² Embora não possamos extrair tudo isto do fenómeno ótico em si mesmo, a escandalosa glória daquele arco-íris matinal indicava de facto a transcendência, algo maravilhoso, até mesmo mágico, para além da refração e reflexão da luz. Eis porque limitá-lo apenas a estes processos científicos seria como explicar as *Elegias de Duino* de Rilke, o escritor alemão, em termos da simples ação de sinapses e neurotransmissores: com precisão, mas de modo estreito e grosseiramente falhando o ponto em questão. 

• **Clifford Goldstein**

Editor do Manual de Estudo da Escola Sabatina

1. Manuscrito 16, 1890, em Ellen G. White, *Evangelism*, Washington, DC, Review and Herald, 1946, p. 593.

2. Manuscrito 100, 1893.

O que o filho pródigo fez bem!

LIÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DO ARREPENDIMENTO

A parábola do filho pródigo já foi considerada a melhor história curta do mundo.¹ A bondade do pai perdoador espanta-nos. Mas não deixámos passar-nos despercebida a coragem do filho pródigo? Eu concordo que ele foi um pouco lento em apreender as realidades da vida. Ele teve de se afundar no abismo antes de tomar consciência da realidade. Ele teve de chegar ao fim dos seus recursos antes de notar que estes tinham estado a diminuir progressivamente. Ele teve que perder a sua casa, os seus amigos e ser esquecido antes de reagir. Mas, quando reagiu, fez umas quantas coisas notáveis.

O que o filho pródigo fez

Primeiro que tudo, ajudado pela dor de um estômago vazio, ele sentou-se e refletiu. Ele fez um inventário da sua vida: de onde tinha vindo (uma posição honrosa num lar abastado), os seus atos passados (desperdiçar os seus meios de subsistência, gastando tudo sem qualquer rendimento), e a sua situação presente (numa pocilga). Ele “tornou a si”! Onde tinha estado antes? Ser honesto consigo mesmo é uma grande e dolorosa virtude, e por de mais rara. Poucas pessoas a têm ou se preocupam em a desenvolver. Muitos abafam quaisquer pensamentos de remor-

so sob uma série de mecanismos de escape, psicologias populares ou racionalizações que nos impedem de fazer uma avaliação honesta da nossa vida. Mas o filho pródigo fez face a si mesmo. Ele até preparou a sua confissão: “Pai, pequei.” Palavras corajosas! Pois é necessária coragem para admitir que somos culpados.

“Eu pequei *contra o céu e contra ti*” (veja Lucas 15:21). Palavras espantosas! Uma vida de pecado, percebeu ele, é levada tanto contra Deus como contra os outros. Mesmo então, ele compreendeu apenas levemente a dor que causara ao seu pai e a todos os que o amavam. Ele

não tinha parado para pensar no vazio que deixara para trás, nas preocupações e nos medos, nas noites sem dormir, na angústia e nas lágrimas que tinha causado aos seus pais. Mas agora aceitou o veredicto de uma consciência acusadora. É difícil aceitar um conselho ou uma censura da parte de um amigo. Muito frequentemente erguemos um muro de resistência em vez de admitirmos: “Isso é o que eu sou. Tens razão.” Mas, se continuamos a ouvir a mesma queixa sobre nós, pode ter chegado o momento de confessarmos a nossa culpa.

A virtude seguinte do filho pródigo consistiu em ter deixado a pocilga e ter começado a sua viagem para casa. Não há muitas pessoas que façam isto. Certa vez ouvi um alcoólico ébrio repreender-se severamente por todas as suas culpas. Mas o arrependimento não se manteve com a sobriedade. Os fumadores estão sempre a desejar deixar o hábito de fumar – mas não agora! Relacionamentos imorais têm que

terminar – sim, mas não agora. Ainda não podemos deixar o “país distante” e a sua pocilga.

Não compreendendo a profundidade do amor do pai, o filho pródigo não imaginava que tipo de reação receberia. Ele tinha a certeza de que teria de subir a pulso, pelo seu trabalho, desde o escalão mais baixo, o de trabalhador jornaleiro,² mas ele estava disposto a começar a partir daí. Ele reconhecia que não merecia qualquer favor especial.

Ele deve ter intuído que teria de enfrentar o seu irmão mais velho. Tendo permanecido em casa e trabalhado na quinta, esperando herdá-la quando o seu pai morresse, o irmão mais velho não ficaria feliz de o ver regressar. Filhos mais velhos frequentadores de Igreja podem mostrar resistência aos filhos pródigos que regressam. Eles podem interrogar-se sobre se o seu arrependimento é genuíno. Eles podem apegar-se às suas feridas e recusarem-se a perdoar. Mas, pon-do para trás das costas toda a cautela, esperando nada mais senão censura, apenas consciente da sua culpa, o filho pródigo regressou ao lar. Esta é a essência do verdadeiro arrependimento.

Arrependimento e não só

Quão pouco ouvimos falar de arrependimento hoje. Tendo sido antes um aspeto enfatizado pela pregação do Evangelho e pelo estudo da Bíblia, hoje nós passamo-lo por alto para nos debruçarmos sobre o perdão de Deus. No entanto, todas as bênçãos de Deus dependem do arrependimento. “Pai, pequei”, precisamos nós de confessar para ouvirmos a resposta de Jesus: “Há alegria no céu por um pecador que se arrepende” (veja Lucas 15:7).

O arrependimento requer que assumamos a responsabilidade pelos nossos pecados, mas não só. Os terroristas assumem a res-

ponsabilidade. Mas eles não se arrependem e sentem orgulho pela terrível destruição que causam. Mas o arrependimento significa estarmos compungidos pelo mal que causámos. Significa vir a Deus para admitir a nossa culpa e a nossa indignidade e para nos entregarmos à misericórdia divina. O arrependimento significa uma mudança de coração, o abandonar do nosso passado, cheios de desgosto pelo mal cometido.

Após o arrependimento vem a confissão. O filho pródigo não só preparou uma confissão, como a realizou. “Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lucas 15:21). Uma das coisas mais difíceis na vida é ir junto de alguém e confessar o mal que cometemos e a dor que causámos. Podemos confessar-nos a Deus, mas raramente o fazemos perante um ser humano. Em vez disso, encobrimos as feridas causadas assumindo uma atitude amigável, como se nada de prejudicial tivesse ocorrido. Se pedimos desculpa, esse pedido é frequentemente cercado de qualificações: “Se não tivesses feito isto, eu não teria feito aquilo.” Em contraste com esta atitude, o filho pródigo reconheceu a sua culpa, não culpando mais ninguém senão a si mesmo.

Alguns políticos que cometem erros têm, por vezes, dado exemplos de confissão. Eles têm reconhecido as feridas profundas que o seu adultério causou à sua mulher, aos seus filhos, aos seus associados e aos seus eleitores, e têm pedido perdão. Como o filho pródigo, a sua confissão pode originar-se por motivos dúbios – um modo de controlar os danos, uma tentativa de obter simpatia, um desejo de continuar a sua carreira política. O filho pródigo estava a voltar para casa porque tinha fome. Uma parte da sua decisão

inicial de voltar ao lar procedeu de ele ter refletido sobre a sua barriga vazia. Mas o seu arrependimento deve ter-se aprofundado e os seus motivos devem ter-se purificado à medida que experimentava o amor e a aceitação acolhedora do seu pai. Na medida em que compreendeu a profundidade do amor do seu pai, ele pôde apreciar melhor a magnitude do sofrimento causado pela sua rebelião. Viver na presença do seu pai aumentou o seu senso da generosidade do pai e da sua própria indignidade.

Lições finais

O filho pródigo ensina-nos muitas lições. Se estamos insatisfeitos com a nossa vida, ele encoraja-nos a que nos sentemos e olhemos com honestidade para o nosso passado, admitamos os nossos falhanços e nos arrependamos. Ele diz-nos que tenhamos a coragem de confessar os nossos erros àqueles que prejudicámos. Podemos ajudar a sarar relacionamentos feridos. Acima de tudo, mesmo se os nossos motivos não são os melhores, o filho pródigo incita-nos a regressar ao Deus que nos ama. O calor do Seu abraço irá certamente emocionar-nos! O Seu perdão gratuito aliviar-nos-á de uma consciência sobrecarregada. Ele devolver-nos-á um lugar de honra na família. Ele alegrar-se-á pelo nosso regresso com cânticos e festejos. Viver perto d'Ele purificará os nossos motivos, restaurará os nossos relacionamentos e levar-nos-á a cantar louvores Àquele que “nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (I Pedro 2:9). ✨

• Beatrice S. Neall
Professora reformada

1. Esta parábola encontra-se em Lucas 15:11-32.

2. Um trabalhador jornaleiro tinha menos segurança do que um escravo. O escravo tinha alojamento e comida garantidos e também a “garantia” de ter trabalho, fosse como fosse. O trabalhador jornaleiro tinha emprego garantido apenas por um dia.

Mãos feridas, retas verdades

Através de uma visão, Deus mostrou a Ellen White que o seu marido, James, deveria começar a publicar um pequeno jornal. Este, foi-lhe mostrado, seria um sucesso desde o começo e em breve esse pequeno jornal cresceria para se tornar semelhante a torrentes de luz circundando o mundo.

Mas James nunca tinha feito nada que se assemelhasse, ainda que remotamente, a isto e ele não sabia como o fazer. Além do mais, ele não tinha dinheiro. Eles quase não tinham o suficiente para pôr comida na mesa dos aposentos emprestados onde viviam. Era verdadeiramente difícil para James dar este passo de fé e começar a escrever o pequeno jornal.

No entanto, foi exatamente isso que ele fez. Ele encontrou um impressor em Middletown, no Connecticut, chamado Charles Pelton, que estava disposto a confiar neste jovem e desconhecido pregador chamado James White. O Sr. Pelton assinou um contrato para imprimir quatro números de mil exemplares cada, por um total de 64,50 dólares. Além disso, ele concordou generosamente que o Sr. White podia pagar-lhe à medida que o dinheiro fosse enviado pelas pessoas que recebessem o jornal. Certamente Deus estava a conduzir esta aventura.

Por esta altura, os White ainda estavam a viver no lar da família Belden, em Rocky Hill, Connecticut, a doze quilómetros de Mid-

dletown. Várias vezes por semana, James White caminhava os doze quilómetros ao longo do vale do manso rio Connecticut para verificar o progresso da impressão e, depois, caminhava os mesmos doze quilómetros de volta para casa. Ele não tinha cavalo, nem carroça, e a “mula de Shank” (*i. e.*, caminhar) era o único modo que ele tinha de se deslocar.

Um dia, o Sr. Pelton deu-lhe boas notícias: “Sr. White, o seu jornal estará pronto para ser entregue depois de amanhã. Pode vir buscar os seus mil exemplares nesse dia.” James fez essa viagem até à casa impressora de Pelton com o cavalo e a carroça de Albert Belden, emprestados de modo a que ele pudesse transportar todos os mil exemplares do jornal ao mesmo tempo.

Chegando a casa, fez várias viagens, bem carregado, até ao cimo das escadas íngremes, para colocar todos os exemplares do jornal no seu quarto. Mil exemplares do jornal, empilhados, cobriam uma boa parte do soalho. Como era emocionante finalmente ter sido impressa a primeira edição do pe-

queno jornal! James, Ellen e Clarissa Bonfoey ajoelharam-se à volta das pilhas de jornais e pediram a Deus que enviasse a Sua bênção com cada um deles, de modo a tocar o coração de cada leitor. Eles oraram para que o jornal não fosse apenas um sucesso, mas fosse também uma grande bênção para todos aqueles que o lessem.

Eles também oraram para que Deus abençoasse o trabalho de publicações que tinha sido iniciado. Ao ajoelharem-se em redor do primeiro número do pequeno jornal, eles não se apercebiam de como ele se tornaria num empreendimento extraordinário, nem o que ele significaria para milhões de crentes nos anos vindouros.

Nessa tarde, os Whites, Clarissa e talvez os membros da família Belden, gastaram várias horas a dobrar e a endereçar os jornais. É claro que não foi possível endereçar todos nessa primeira noite. Na manhã seguinte, James tomou uma velha mala de viagem que alguém lhe tinha dado, encheu-a com os jornais que estavam prontos para serem enviados por correio e caminhou os já familiares doze quilómetros até à estação de correios de Middletown. A obra das Publicações tinha sido iniciada. Estávamos em julho de 1849...

O jornal foi recebido como um amigo nos lares dos crentes dispersos e, à medida que o liam, enviavam dinheiro para pagar a impressão. James White foi assim capaz de fazer a Charles Pelton o pagamento inicial do *Present Truth* (Verdade Presente).

Foi deste modo que a obra mundial de Publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia se iniciou numa humilde casa impressora em Middletown, Connecticut. O *Present Truth* veio a ser o jornal oficial



da Igreja, com o novo título de *The Advent Review and Sabbath Herald* (A Revista do Advento e Arauto do Sábado). Publicado de modo contínuo por mais de 164 anos, o seu nome passou por algumas variações. Hoje ele é conhecido pelo nome de *Adventist Review* (Revista Adventista).

Passaram-se muitos anos de luta para cobrir todas as despesas de subsistência, para não mencionar as despesas de publicar o jornal da Igreja em várias localizações diferentes. Inicialmente, o jornal tinha que ser impresso por casas impressoras comerciais. Isto nem sempre era satisfatório, pelo que o comitê de edição decidiu que se deveria adquirir uma prensa. Para além de resolver outros problemas, ter uma prensa própria asseguraria que o jornal, que era o arauto do Sábado, já não seria impresso ao Sábado, como por vezes acontecia.

O comitê decidiu estabelecer uma casa impressora em Rochester, New York. Por cerca de 600 dólares, eles puderam comprar uma prensa manual *Washington*, papel suficiente e outros mantimentos para dar início ao seu projeto. Anúncios na *Review and Herald* apelavam à contribuição dos leitores para se cobrir o preço de aquisição da prensa. Hiram Edson tinha vendido recentemente a sua quinta em Port Byron, pelo que emprestou o dinheiro necessário para se adquirir a prensa.

James White arrendou uma casa antiga no nº 124 da Avenida Mount Hope, em Rochester, por 175 dólares por ano. Ele comprou dez cadeiras velhas – nenhuma delas igual – pelas quais pagou 1,64 dólares, e comprou também alguns estrados de cama por 25 centimos cada. A sua mesa era uma tábua colocada sobre dois barris de farinha vazios.

A velha casa servia de lar para todos os obreiros, bem como de sede para a oficina de impressão. A publicação do jornal era realizada nas instalações. Nenhum dos obreiros recebia salário. Eles tinham um lugar para viver, e que lugar! E tinham comida para comer, e que comida! As batatas eram caras de mais, pelo que eles comiam nabos acompanhados de uma espécie de molho como substituto da manteiga, a qual também era cara de mais para eles. E eles comiam muito feijão, o que deu origem ao dito satírico de Uriah Smith: “Eu gosto de feijões e não me importo de os comer todos os dias. Mas quando se chega ao ponto de fazer deles uma parte regular da nossa dieta, eu *tenho* que protestar!”

Apenas três dos obreiros tinham mais de trinta anos, mas todos estavam ali porque queriam. Estavam dispostos a trabalhar sem salário, a partilhar um quarto e a comer a comida mais barata (mesmo se fossem feijões!). O trabalho era duro e não havia nada que se parecesse com um dia de oito horas de trabalho.

Eram necessários três dias para se imprimir o jornal na pequena prensa manual *Washington*. As tarefas de coser, aparar e endereçar eram feitas à mão. John Loughborough furava os jornais para serem cosidos e George Amadon cosia-os. Não havendo um cortador de papel, Uriah Smith aparava as margens com o seu canivete. Anos mais tarde, Smith comentou: “Nós feríamos as nossas mãos a realizar a operação e, frequentemente, a forma dos folhetos não era nem metade tão verdadeira e reta como as doutrinas que ensinavam.”

• **Norma J. Collins**
Secretária-Associada
do White Estate

O Seu túmulo está vazio

SE JESUS TIVESSE MORRIDO, MAS NÃO RESSUSCITADO, O SEU MARTÍRIO PARA NADA TERIA SERVIDO.

Em outubro de 1994, levou-se a cabo um debate sobre a ressurreição de Cristo entre dois proeminentes estudiosos da Bíblia: o professor de Filosofia William L. Craig e o ex-sacerdote católico John Dominic Crossan. Enquanto Craig argumentava a favor da fiabilidade dos relatos bíblicos que testemunham do Cristo ressuscitado, Crossan argumentava que a ressurreição não foi um facto real, mas sim uma metáfora fundamentada em alucinações, visões ou simples relatos culturais. Esta última opinião tem sido defendida por Marcus Borg, um dos mais destacados discípulos de Crossan. Segundo Borg, a ressurreição de Cristo não tem nenhuma importância, é apenas um mito inventado pelos seguidores de Jesus.

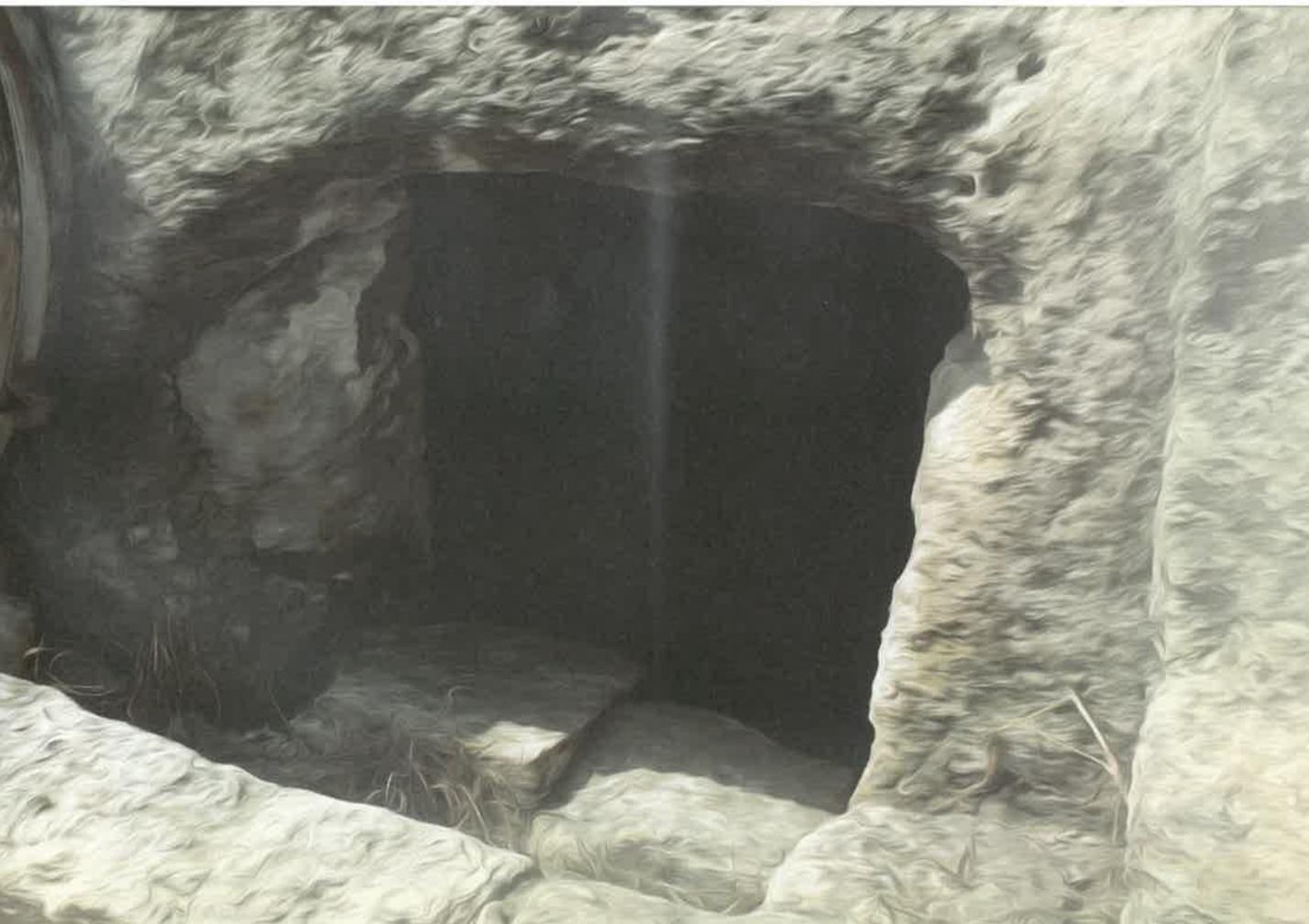
Fariamos, pois, bem em refletir sobre a seguinte interrogação: Valeria a pena ser Cristão se, na realidade, Cristo não tivesse ressuscitado? Vejamos qual o significado que tem para a nossa vida o facto de Jesus ter ressuscitado e de o Seu túmulo estar vazio.

Deus cumpre as Suas promessas

A ressurreição de Cristo constitui uma fiável garantia de que Deus cumpriu e continuará a cumprir todas as Suas promessas. Jesus assegurou aos Seus discípulos: “Pois como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim

estará o Filho do homem três dias e noites no seio da terra” (Mateus 12:40). E, posteriormente, Ele declarou: “O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens; e matá-lo-ão, e ao terceiro dia ressuscitará” (Mateus 17:22 e 23).

A Palavra de Deus dá testemunho de que Jesus cumpriu a Sua promessa. Os primeiros testemunhos da ressurreição foram dados por mulheres (Mateus 28:1-10). O testemunho das senhoras é particularmente relevante, porque, naquela época, o que uma mulher dizia não suscitava muito respeito. Até aos próprios discípulos do Senhor “as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram” (Lucas 24:11). Se a ressurreição tivesse sido uma farsa inventada pelos Cristãos, não faria mais sentido que o primeiro “testemunho” fosse dado por um homem? Testemunhas da ressur-



reição de Jesus foram também Pedro e os demais discípulos (João 20:19-23), mais de quinhentas pessoas, muitas das quais ainda viviam quando Paulo escreveu a sua Carta aos Coríntios (I Coríntios 15:6) e, por último, o próprio Paulo (I Coríntios 15:8). Jesus cumpriu a Sua promessa!

Por isso, a ressurreição de Cristo proporciona-nos a segurança acalentadora de que Deus cumprirá tudo o que nos prometeu. De facto, a cena do encontro entre o Cristo ressuscitado e os Seus discípulos ajuda-nos a confiar nas promessas divinas. Jesus tinha prometido enviar o Espírito Santo (veja João 14, 15 e 16) e esta promessa cumpriu-se imediatamente depois da ressurreição.

Pouco depois de ter saído do túmulo, Jesus reuniu-Se com os Seus mais íntimos seguidores e disse-lhes: “Recebei o Espírito Santo” (João 20:22); ou seja, após a ressurreição veio o cumprimento da pro-

messa. Amigo, a si e a mim compete-nos crer que Jesus vive por nós e que “todas quantas promessas há de Deus, são, nele [em Cristo], sim” (II Coríntios 1:20). Como é evidente, não estamos a falar somente das promessas que estão estreitamente vinculadas com a nossa vida terrena, pois a ressurreição de Cristo, o facto de que o Seu túmulo está vazio, garante-nos que também nós ressuscitaremos.

Deus nos salvará

Que a ressurreição está estreitamente relacionada com a nossa salvação está expresso tacitamente nestas palavras: “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus, pela morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Romanos 5:10). Mais adiante, nesta mesma carta, Paulo declarou: “Esta é a palavra da fé, que pregamos, a saber: Se com a tua boca confessares o Senhor

Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Romanos 10:9).

O mesmo é dizer que a nossa salvação não fica garantida somente pelo que aconteceu na Cruz. Se Jesus tivesse morrido, mas não tivesse ressuscitado, para nada teria servido o Seu martírio. Ele seria somente mais um idealista que dera a vida por uma nobre causa. No entanto, a Sua ressurreição quebrou o poder da morte e agora “pode também salvar, perfeitamente, os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25). Bem o disse o apóstolo Pedro: “Esta salvação é possível pela ressurreição de Jesus Cristo” (I Pedro 3:21).

Temos esperança

O apóstolo Pedro menciona outro benefício direto que recebemos da ressurreição de Cristo: “Bendito seja o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua



grande misericórdia, nos gerou de novo, para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos” (I Pedro 1:3). De acordo com Pedro, a nova vida que o Espírito de Deus origina no nosso coração é uma evidência contundente de que servimos um Cristo vivo. Um Deus morto não pode mudar uma pessoa que tenha sido derrotada por vícios, nem pode restaurar um matrimônio, nem resgatar do pecado aqueles que se afundaram nas profundezas do mal. Ver homens e mulheres transformados, que nasceram de novo e que agora desfrutam de uma vida completamente renovada, é um dos benefícios tangíveis de que podemos desfrutar graças à ressurreição de Jesus.

Paulo também vincula a ressurreição de Cristo com a nossa justificação, pois graças a ela Deus trata-nos como se fôssemos justos; ainda que, na realidade, sejamos culpados: “O qual, por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para a nossa justificação” (Romanos 4:25). Isto é, se não há ressurreição, não há perdão dos pecados e, portanto, não temos a esperança da vida eterna (veja I Coríntios 15:12-19). A ressurreição deu a Cristo o direito de “ser designado Filho de Deus com poder” (Romanos 1:4) e, pela fé, esta designação estende-se também a nós; porque

Deus “nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus” (Efésios 2:6).

Vitória sobre a morte

A morte de Jesus pôs em causa a fé dos Seus mais fiéis seguidores, como deixa entrever uma das declarações dos viajantes que se dirigiam a Emaús: “E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel” (Lucas 24:21). Naquela sexta-feira de tarde tudo parecia indicar que Satanás alcançara a vitória. Mas a sua vitória foi aparente e fugaz, pois, no domingo de manhã, Jesus deitou por terra o poder do nosso mais poderoso inimigo: a morte.

Diferentemente do menino ressuscitado por Elias (I Reis 17:21-23) e até do próprio Lázaro (João 11), que voltaram a morrer, Jesus levantou-Se dos mortos para viver para sempre. A Sua morte destruiu “o que tinha o império da morte” (Hebreus 2:14). Como disse Paulo: “Tragada foi a morte na vitória” (I Coríntios 15:54). Agora, graças à ressurreição, esta vitória acha-se ao nosso alcance e, portanto, podemos exclamar: “Graças a Deus, que nos dá a vitória, por nosso Senhor Jesus Cristo” (I Coríntios 15:57).

Durante a célebre batalha de Waterloo, o general Wellington derrotou Napoleão. Mas, quando Wellington notificou a coroa bri-

tânica de que vencera o Imperador francês, a informação não chegou na sua totalidade. A mensagem original dizia: “Wellington derrota Napoleão.” Mas, ao passar de uma estação de sinalização para outra, a mensagem ficou distorcida e chegou apenas como “Wellington derrotado”. Muitos creram que Wellington tinha sido derrotado. Que surpresa tiveram quando puderam ler a mensagem correta! O mesmo se passou com os discípulos naquela sexta-feira à tarde, quando deixaram Jesus num frio túmulo. Tudo parecia indicar que o Senhor tinha perdido a batalha. Mas a mensagem não estava correta. No domingo de manhã, depois da ressurreição, eles puderam captar a mensagem correta. Esta mensagem proclamava: “Jesus derrota a morte!”

Estão bem enganados Croosan, Borg e todos os que pensam como eles. Como pode alguém crer em Jesus e, ao mesmo tempo, negar a Sua ressurreição? Negar a vitória de Cristo sobre o túmulo não apenas significa perder a confiança nas Suas promessas; significa também viver sem a esperança de uma mudança nesta vida e da vida eterna após a morte.

Quem poderá querer isto? ♣

· **J. Vladimir Polanco**
Editor da Editorial APIA

DE QUEM ÉS FILHO?

A VIDA DO BEN MUDOU QUANDO ELE ENCONTROU A SUA VERDADEIRA IDENTIDADE.

Há muitos anos, junto às montanhas do Tennessee oriental, nasceu o Ben. Nessa época, os meninos ou as meninas que nasciam de mães solteiras eram tratados de modo terrível. Os outros pais não deixavam os seus filhos brincarem com o pequeno Ben. Quando o Ben acompanhava a sua mãe à loja, ele ouvia as pessoas a falarem suficientemente alto para que ele ouvisse, e elas interrogavam-se sobre quem seria o pai dele.

No primeiro ano, o Ben ficava sentado na carteira durante o recreio e durante o almoço, pois ninguém queria brincar com ele.

Quando completou doze anos, um novo pregador chegou à sua pequena vila. Este era um acontecimento empolgante e muitas pessoas começaram a frequentar a pequena igreja. As histórias sobre o recém-chegado captaram o interesse do Ben. Este pregador era carinhoso e não julgava ninguém. Ele aceitava as pessoas tais como eram e, quando estava com elas, estas sentiam-se melhor consigo

mesmas. Quando ele se juntava a qualquer grupo, os sorrisos eram maiores, o riso era mais intenso e o ânimo de todos melhorava. O Ben estava curioso, pelo que, num domingo, decidiu saber mais acerca deste homem e foi à igreja pela primeira vez na sua vida. Ele assegurou-se de que chegava tarde e se escapulia cedo, mas gostou do que ouviu. Ele continuou a ir à igreja, semana após semana. Pela primeira vez na sua vida, o Ben sentiu alguma esperança.

Durante a sexta ou sétima semana das reuniões na igreja, O Ben ficou absolutamente cativado com a mensagem. Era como se houvesse um letrado por detrás da cabeça do pregador em que se lesse: “Existe esperança para ti, pequeno Ben Hooper, filho de pai desconhecido.” O Ben esqueceu-se de sair furtivamente mais cedo; estava por de mais apanhado pela mensagem.

Subitamente, os serviços de culto terminaram; o Ben levantou-se rapidamente para sair da igreja, mas encontrou o corredor bloqueado. Quando procurava passar através da

multidão, sentiu uma mão sobre o seu ombro. Virando-se, o Ben olhou diretamente para os olhos do jovem pregador, que lhe perguntou sobre aquilo que toda a gente também se perguntava há anos: “De quem és filho?”

Fez-se silêncio na igreja, pois todos esperaram para ouvir a resposta. Lentamente, o sorriso do pregador começou a alargar-se: “Oh, eu sei de quem tu és filho! Ora, a semelhança familiar é indelével. Tu és um filho de Deus!”

Tendo dito isto, o pregador disse ao Ben: “É uma grande herança familiar a que tu tens, miúdo! Agora vai, e assegura-te de que vives de acordo com ela.”

O Ben Hooper disse, mais tarde, que esse foi o dia que transformou a sua vida. A sua autoimagem mudou e isso, por seu lado, começou a mudar a sua vida. O Ben tinha deixado de ser um filho de pai desconhecido para ser o filho do Rei. O Ben Hooper foi, mais tarde, várias vezes eleito Governador do Tennessee.

O que foi verdade para o Ben Hooper é também verdade para nós. Somos filhos de Deus! ✍

Retirado da revista Guide



Prevenção, Tratamento e Cura
Aprenda a lidar com a

Depressão

10

dias para melhorar a sua vida

18 a 27 de maio

Associação Portuguesa de Medicina Preventiva
Serra de S. Maria, 3230-055 Espinhal (Penela)

€450,00 em quarto duplo
€600,00 em quarto single
€200,00 para acompanhante



Inclui:
Alojamento
Alimentação
Acompanhamento
Consultas Médicas e Psicológicas
Tratamentos Naturais

Informações e Inscrição: giselapinheiro@medicinapreventiva.pt ou 93 556 18 15



associação portuguesa de
Medicina Preventiva



Associação
Internacional
de Temperança